

# memória **CULT**



Ouro Preto - MG - Brasil - Ano VII - nº 24 - junho de 2018

[memoriacult.com](http://memoriacult.com)



## Inconfidência Mineira e os Mártires da Liberdade

por Geraldo Amâncio Pereira

## 175 anos da Batalha de Santa Luzia

por Marcos Paulo de Souza Miranda

## Entrevista:

Empresária Laura Mediolí

# RESTAURAÇÕES SINGULARES NO BRASIL

## e outras experiências acerca do patrimônio nacional



Novo projeto do Instituto Nacional de Desenvolvimento e Integração Cultural | INDIC, viabilizado por meio da Lei Federal de Incentivo a Cultura. O primeiro volume, que já está viabilizado, será lançado em novembro de 2018, provavelmente juntamente com o segundo volume que já conta com patrocínio parcial.

Trata-se de uma trilogia que versa restaurações de importantes monumentos nacionais, mostrando em imagens e detalhes técnicos, aliados a aspectos históricos suas trajetórias e recuperações pelo país, resumindo algumas delas e detalhando a do Convento dos Mercedários e sua anexa Igreja das Mercês de Belém do Pará.

Contém, ainda, o primeiro volume, cópia de instigante processo judicial do século XIX, cujo resultado deu à Fazenda Nacional, por vários anos, a posse da Igreja. Discussão jurídica, na época da recém instalada república, recheada por conceitos que deram, posteriormente, origem ao Código Civil Brasileiro.

O segundo volume terá como destaque a restauração da Casa dos Contos de Ouro Preto, realizada em 1983/84 e, ainda hoje, é considerada exemplo nacional em recuperação de patrimônio histórico.

Para apoiar o segundo volume da coleção, com desconto no Imposto de Renda, inclusive pessoas físicas, entre em contato conosco: [indic.br@gmail.com](mailto:indic.br@gmail.com)

**E**nfim a edição 24 desta Memória CULT! Nela a interessante entrevista da empresária Laura Medioli que, com seu marido Vitório, construiu um grande sistema de comunicação em Minas. Nesta entrevista, ela expõe seu lado humanístico e de refinada escritora.

A Batalha de Santa Luzia, tão cara aos mineiros pela sua importância histórica é muito bem descrita pelo historiador e promotor de justiça Marcos Paulo de Souza Miranda.

Às vésperas de mais um evento evocando a Inconfidência Mineira, o famoso cordelista Geraldo Amâncio Pereira, nordestino de boa cepa, brinda Minas Gerais e o Brasil com um excelente cordel que exalta nossa Inconfidência Mineira.

Da Bacia do Rio Grande, com fotos do Núcleo de Pesquisas Arqueológicas do Alto Rio Grande, Gilberto Pires de Azevedo nos premia com seu instigante artigo intitulado Pedras de Raio.

Celton, conhecido artista belo-horizontino, tem sua história e trajetória descrita, quase em quadrinho, por Petrônio Souza Gonçalves.

A seguir, o juiz Bruno Terra Dias nos apresenta seu singular e ao mesmo tempo plural ensaio no artigo Histórias Exemplares, iniciando seu trabalho desde a Grécia Antiga.

Finalmente, o grande jurista José Anchieta da Silva documenta, em definitivo, a biografia de Affonso Penna, homem das vogais duplas comparadas, inclusive em placa da Alfândega de Manaus, cuja pedra fundamental lançou no início do século passado, figura que honrou os mineiros e brasileiros pelo seu exemplo ético.


Boa Leitura.



### **Eugênio Ferraz**

Diretor Executivo e Editor Geral da Memória CULT

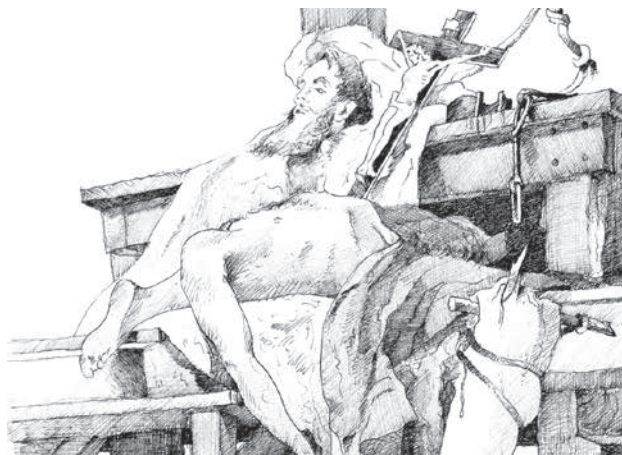
Membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e do IHGMG. Servidor do Ministério da Fazenda desde 1974, foi seu Superintendente em MG de 1998 a 2011 e, a seguir, Diretor-Geral da Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais





## Sumário

Fotografia: acervo SXC



**09** **175 anos da Batalha de Santa Luzia**  
por Marcos Paulo de Souza Miranda

**13** **A Inconfidência Mineira e os Mártires da Liberdade**

**04** **Página do Artista**  
Bacellarte

**27** **Um Herói das Ruas**  
por Petrônio Souza Gonçalves

**05** **Entrevista:**  
Escritora e empresária Laura Mediolí

**29** **Histórias Exemplares**  
por Bruno Terra Dias

**15** **Pedras de Raio**  
por Geraldo Pires de Azevedo

**31** **Lições de Affonso Penna**  
por José Anchieta da Silva



## Espaço do leitor

Agradecemos o envio de críticas, sugestões e comentários para o aprimoramento desta revista: [memoriacult@gmail.com](mailto:memoriacult@gmail.com). A Memória **CULT** poderá editar manifestações de leitores selecionadas para publicação, não necessariamente na edição subsequente.

Não me canso de cumprimentá-lo pelo excelente trabalho feito por você sobre nossa área cultural. É alegria receber “memória Cult”, sempre a nos trazer assuntos da maior relevância.

Já tinha lido o Manoel Hygino percorrendo no Hoje em Dia sobre este último número e foi com interesse que eu cheguei às páginas da revista onde me impressionou os dados oferecidos por Marcos Paulo de Souza Miranda sobre o comércio ilícito de artes sacras.

**Yeda Prates Bernis | Membro da Academia Mineira de Letras**

Com meus cordiais cumprimentos, acuso o recebimento de um exemplar da revista Memória CULT, com várias matérias de interesse cultural e histórico. Agradeço pela remessa, congratulando-me com o lançamento de mais esse importante trabalho cultural, que merece nossos aplausos.

**Bonifácio de Andrada | Deputado Federal**

## ÚLTIMA EDIÇÃO



A edição número 23 da Revista Memória **CULT** entrevistou o Jornalista Rogério Faria Tavares. Dentre outros assuntos tratou do possível tombamento do Parque das Águas de São Lourenço, MG.

## EXPEDIENTE **memória CULT**

Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil - ano VII - nº24 - março de 2018

**Diretor Executivo e Editor Geral** | Eugênio Ferraz - Reg.: 8.172-MG

**Editor** | Petrônio Souza - Reg.: 7.124-MG

**Projeto Gráfico** | Raphael Simões

**Revisão Ortográfica** | Acácio Cândido da Silveira Santos

**Foto da capa** | acervo do artista

As manifestações expressas em artigos são de inteira responsabilidade dos respectivos autores e não refletem, necessariamente, a opinião da publicação.



## Artista da capa



Fotografia: acervo do artista

**F**ranc Faria Bacelar nasceu e reside na Cidade de Carmo de Minas, Sul do Estado de Minas Gerais, terra do escritor Murilo Rubião e terra dos melhores cafés do mundo. Professor de arte na Escola Municipal Manoel Monteiro e funcionário da Prefeitura Municipal, tem como hobby recolher madeiras em obras e caçambas da cidade, que iriam para o lixo ou seriam queimadas, para produzir seu trabalho de artista plástico fazendo assim, uma perfeita harmonia entre arte e meio ambiente. Também é possível ver seu trabalho nas praças de Carmo de Minas e São Lourenço, sem custos para os órgãos públicos, por amor à arte e a terra que vive. Sob o estilo Pop cubista, ele retrata o Sagrado (tradição que herdou de sua vó), Minas Gerais e suas peculiaridades do interior, as tradições, o café, o bucolismo das cidadezinhas e da vida simples. Atualmente trabalha com madeiras retiradas das obras do anexo da Igreja de Nhá-Chica. Juntamente com seus aprendizes, fundou uma lojinha chamada Bacellarte que, além de custear a produção dos trabalhos, ajuda entidades locais em suas festas, dando brindes para as quermesses. A simplicidade define o trabalho deste mineiro do lugar mais “Carmo” de Minas que tem arte, fé, café e cafuné!

Um pouco mais de seu trabalho no facebook : Bacellarte Carmo de Minas.





## Entrevista

# LAURA MEDIOLI Levando a vida leve...

por Petrônio Souza Gonçalves\*

**É** com muita leveza que a escritora e empresária Laura Mediolli mantém sua vida diária, dividida entre cidades da Grande Belo Horizonte. E é no meio dessa correria do dia a dia que a escritora se revela, sempre nos brindando com crônicas inspiradas e espirituosas. E é sobre esse trabalho entre escritos, escritórios e livros que Laura fala à Memória CULT, além de lembrar um pouco de uma das famílias mais tradicionais na literatura mineira: os Machados.



**Laura, você tem uma vida corrida, preside uma grande empresa de jornalismo e ainda dá um suporte ao marido na gestão da prefeitura de Betim. Dá para você falar um pouco da sua rotina diária?**

Na verdade, hoje a minha vida não tem muita rotina. Tanto o jornal quanto a atividade pública são trabalhos que não me permitem manter uma rotina. Geralmente começo o dia no jornal em Contagem e termino em Betim. Atividades bem diferentes, mas com um ponto em comum: tanto uma como outra me deixam bem próxima das pessoas. Adoro gente, conhecê-las de perto, trocar ideias e experiências e poder trabalhar junto. Sou uma pessoa de equipe e, graças a Deus, sempre me

cerco de gente boa e competente, o que me dá tranquilidade e disposição para continuar mais e mais.

**E quando a empresária encontra tempo para escrever?**

Nos finais de semana. Geralmente o que escrevo num domingo sairá no próximo. Escrevo em casa, com calma, com a janela aberta, olhando para o jardim e com os cachorros ao meu lado. Aí a inspiração vem. No trabalho, em meio a telefonemas, reuniões e correspondências pendentes, é quase impossível.

**Se no meio de tantos afazeres vier um lampejo, a inspiração de uma boa história, como você faz?**

*“Sempre li muito,  
meus melhores  
“brinquedos”  
eram os livros.  
Os da minha tia  
Lúcia Machado  
de Almeida,  
consagrada  
na literatura  
infantojuvenil,  
foram para mim  
um incentivo à  
leitura.[...]”*

Bem, aí eu anoto no meu celular ou em um papel. Acontece de eu pensar em alguma coisa de madrugada. Por isso, tenho uma caderneta e uma caneta ao lado da cama para anotar, do contrário esqueço tudo no dia seguinte. Às vezes me surge na cabeça apenas uma frase que acho interessante. Anoto e depois, mesmo sem saber o que vai sair, dou continuidade à frase. Isso acontece em crônicas inventadas, ou seja, as que não são baseadas em fatos reais, cujos personagens são fictícios.

**Você vem de uma família de grandes escritores e grandes intelectuais, os Machados. Como foi crescer nesse ambiente essencialmente mineiro?**

Sempre li muito, meus melhores “brinquedos” eram os livros. Os da minha tia Lúcia Machado de Almeida, consagrada na literatura infantojuvenil, foram para mim um incentivo à leitura. Acho que os autores infantojuvenis têm uma responsabilidade enorme em relação ao que escrevem. Hoje vemos livros bonitos, bem-ilustrados, mas com conteúdo que não atrai, ou por menosprezaram a inteligência dos leitores, por excesso de didatismo, ou por serem chatos mesmo. Não têm um suspense, um humor, algo que sensibilize, os faça rir, os faça chorar, imaginar, sonhar, qualquer coisa que os desperte para querer ler mais. Se uma criança ou um adolescente lê livros pouco atraentes, eles perdem o interesse pela leitura. Eu, graças a Deus, li o que tinha de melhor em nossa literatura, além dos clássicos internacionais. Ia para as livrarias, sentava no chão e ficava nas prateleiras lendo todas as orelhas de livros que encontrava pelo caminho. Meu dinheiro era gasto praticamente com livros, mais do que com roupas ou brinquedos.

**Quando foi que a cronista se despertou em você?**

Totalmente por acaso. Uma amiga gostava de minhas poesias e sugeriu que eu as publicasse no jornal. Respondi que brasileiro não é muito afeito a poesias e jornais não são o melhor lugar para publicá-las. Então, ela me indagou por que eu não escrevia crônicas. Nunca tinha me passado isso na cabeça, comecei quietinha, consegui um volume bom de histórias e mostrei aos editores e amigos. Queria deles a opinião sincera, pois não poderia queimar meu filme e muito menos o do jornal. Felizmente, a aceitação foi muito boa. Hoje já se vão 12 anos de crônicas semanais.



### **Você poderia fazer uma cronologia das suas obras?**

Tenho um livro de literatura infantojuvenil, “Xangó, o Detetive e o Mistério de Matinho”, que foi adotado em algumas bibliotecas da rede pública de Minas Gerais, e três livros de crônicas: “Levando a Vida Leve”; “Levemente leve” e o último, “Só de Bicho”, publicado no ano passado e que já está em sua segunda edição, juntamente com o cronista e amigo Fernando Fabbrini.

### **Laura, você se destaca também pelos muitos trabalhos na área social. É uma realização para você também essa dedicação?**

Quando criança acompanhava minha mãe em comunidades pobres e nas suas ajudas sociais. Por isso, esse meu envolvimento veio naturalmente. Trabalhei cerca de dez anos em quatro aglomerados e vilas da região metropolitana, principalmente com as mulheres, na criação de associações, mutirões, creches, cursos de aleitamento materno, entre outros. Também criei jornais comunitários, que atendiam essa parte carente de nossa sociedade, jornais gratuitos e de grande utilidade pública. Um trabalho que me enchia de gratificação, mas, infelizmente, com a chegada do crack, acabei me afastando. A barra pesou muito.

Hoje, felizmente, como primeira-dama de Betim, posso dar continuidade aos trabalhos sociais, assim como na Fundação Medioli, que há dez anos construiu e mantém uma creche com cerca de 400 crianças, além de inúmeras outras atividades e benfeitorias no campo social. A fundação é mantida pelas empresas do grupo Sada e não conta com recursos públicos.

### **O seu último livro, lançado no ano passado com o também cronista Fernando Fabbrini, é uma ode ao mundo animal. São belíssimas e leves crônicas acerca dos bichos. Como se deu esse projeto?**

Na verdade, as crônicas já existiam, publicadas no decorrer dos anos no jornal O TEMPO. Tive a ideia de convidar o Fabbrini para uma parceria, já que ele também é cronista daquele jornal, com um estilo leve, divertido e despretensioso. O livro retrata de forma bem-humorada as nossas relações com os animais, principalmente com os cachorros que passaram por nossas vidas.

*“Quando criança acompanhava minha mãe em comunidades pobres e nas suas ajudas sociais. Por isso, esse meu envolvimento veio naturalmente.[...]”*



*“Livros são como uma gestação, precisam de tempo, carinho e atenção.[...]”*

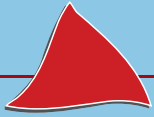
### **E o próximo livro? Já tem algo no caminho?**

Adoraria ter outro a caminho. Na cabeça tenho muitas ideias e projetos, mas na prática, com a vida corrida que levo atualmente, não dá nem para pensar.

Livros são como uma gestação, precisam de tempo, carinho e atenção. Infelizmente, não disponho de tempo para dar o carinho e a atenção que merecem. Mas claro que não pretendo parar por aqui. Quem sabe no próximo ano...



**\*Jornalista e escritor**



# 175 anos da Batalha de Santa Luzia

Marcos Paulo de Souza Miranda\*

**P**ara além da revolta da Cabanada, iniciada em 1832 e que tomou as Províncias de Alagoas, Pará e Pernambuco; da Guerra dos Farrapos, que se originou em 1835 no Rio Grande do Sul; da Sabinada, iniciada em 1837 na Bahia, e da Balaiada, surgida em 1838 na Província do Maranhão, em 1842, inserido nesse quadro de rebeliões liberais que marcaram o período das Regências e o início do Segundo Reinado, um novo movimento revolucionário estourava, mas desta vez em terras de São Paulo e das Minas Gerais.

Em 1º. de maio de 1842 um Decreto extinguiu a Câmara dos Deputados dois dias antes da posse dos Deputados eleitos (a maioria do Partido Liberal) e, em Minas Gerais, Bernardo Jacinto da Veiga, o novo Presidente da Província, de igual sorte baixava Decreto adiando o funcionamento da Assembleia Legislativa.

Vereadores das Câmaras Municipais de Barbacena, São João del-Rei e São João Batista do Presídio (atual cidade de Visconde do Rio Branco) e integrantes do Partido Liberal (que pregava ideias renovadoras e pleiteava maior autonomia das Províncias), por terem se manifestado pugnando pela suspensão dessas normas consideradas inconstitucionais e contrárias aos interesses do povo, foram sumariamente suspensos de suas funções por influência de membros da oligarquia conservadora.







**Barão de Caxias**  
**Comandante do Exército Pacificador**



**Teófilo Ottoni**  
**Líder dos Rebeldes**

Em tal cenário insustentável, aos 10 de junho de 1842 a Câmara Municipal de Barbacena e sua Guarda Nacional, em uníssono com o povo daquela honrada cidade, aclamaram o prestigioso chefe político José Feliciano Pinto Coelho da Cunha (futuro Barão de Cocais) como Presidente Interino da Província de Minas Gerais, com a missão de “*sustentar e defender a Constituição, o Estado e o Trono, libertando o Imperador da influência perniciosa de uma oligarquia cega de ambição e capricho, que oprime o povo e desdoura o Trono*”.

O movimento ganhou força rapidamente e logo as Câmaras e Corpos da Guarda Nacional das principais cidades mineiras, tais como Queluz (atual Conselheiro Lafaiete), Lavras, Oliveira, Santa Bárbara, São José del-Rei (atual Tiradentes), Bonfim, Curvelo, Baependi, Aiuruoca, Sabará, Caeté, Paracatu; e as lideranças dos mais importantes arraiais, como Turvo (atual Andrelândia), Bom Sucesso, Cláudio, Dolores do Indaiá, Tiros, Santa Luzia do Rio das Velhas, Santo Antônio do Amparo, São Tomé das Letras e muitos outros proclamaram adesão à revolta dos liberais e os combates com as forças legalistas, que tentavam resgatar o controle da situação em Minas, após terem-no alcançado em São Paulo, logo começaram a ocorrer.

O Exército Imperial, com a missão de sufocar o movimento rebelde, era comandado pelo Barão de Caxias, que depois de pacificar a Província de São Paulo, rumou para Minas Gerais, fazendo com que os insurrectos fossem retrocedendo da região de São João del-Rei para Conselheiro Lafaiete e, posteriormente, para Sabará, onde houve duro combate no dia 12 de agosto, saindo vitoriosos os revolucionários.

No dia 14, a tropa rebelde, com cerca de 3.300 homens, retirou-se para o Arraial de Santa Luzia do Rio das Velhas, que passou a ser preparado como palco para um novo enfrentamento bélico, que viria a ser o último da Revolução. O Quartel General dos revolucionários foi instalado na casa do Padre Manuel Pires de Miranda, atual sede do Museu Aurélio Dolabella, onde os líderes do movimento, entre os quais José Feliciano e Teófilo Ottoni, se reuniam.

No dia 17 de agosto, José Feliciano Pinto Coelho reuniu os chefes principais comunicando-lhes a intenção de enviar emissário ao Barão de Caxias com a proposta de deposição de armas, mediante uma anistia geral. Entretanto, opuseram-se os consultados, que preferiram a luta. Lamentavelmente, Feliciano Pinto Coelho fugiu e abandonou os revolucionários na madrugada do dia 20, causando enorme baque moral na tropa.

Sabendo do deslocamento de Caxias para Santa Luzia, o Estado Maior dos rebeldes deliberou que Antônio Nunes Galvão ocuparia a região do alto do Tamanduá com a sua tropa. Manoel Joaquim de Lemos, Joaquim Martins de Oliveira e Francisco José de Alvarenga guarneceriam a estrada que ligava Lapa (atual Ravena) a Santa Luzia. O batalhão de Santa Quitéria (atual Esmeraldas) foi posicionado acima da Ponte Grande sobre o Rio das Velhas e os Batalhões de Santa Bárbara e Santa Luzia ficaram encarregados de proteger o arraial, em torno do qual, sob as ordens do engenheiro austríaco Wiesner von Morgenstern, foram cavadas diversas trincheiras. Atiradores rebeldes foram posicionados estrategicamente pelo arraial, inclusive nas torres da Igreja Matriz.

Caxias dividiu sua tropa em três colunas e marcou o ataque contra Santa Luzia para ocorrer na manhã do dia 21 de agosto.

A primeira coluna, com 460 Guardas Nacionais do Presídio de Rio Preto, sob o Comando do Tenente-Coronel Francisco de Assis Ataíde e direção do Major José da Vitória Soares de Andrea, partiu de Sabará no dia 19, margeando o Rio das Velhas, com o intuito de tomar a Ponte Grande de Santa Luzia. A terceira coluna partiu de Caeté no dia 18 rumo à estrada que ligava o Arraial da Lapa a Santa Luzia. Era comandada por José Joaquim de Lima e Silva, irmão de Caxias. Na madrugada do dia 20 a segunda coluna, comandada por Caxias, partiu de Sabará rumo a Santa Luzia, pretendendo se estabelecer a cerca de uma légua e meia para iniciar o ataque no dia seguinte.

Ocorreu que um desertor do Exército Imperial havia comunicado a data prevista para o combate aos rebeldes, que tomaram a iniciativa de surpreender o inimigo na manhã do dia 20, quando Galvão, que estava na região do Tamanduá, abriu fogo contra a coluna de 800

homens comandada pessoalmente pelo Barão de Caxias por volta das 8.30h. Os rebeldes contavam com número superior de soldados e se valiam, inclusive, de uma peça de artilharia de calibre 03 posicionada em um morro, ou seja, em local privilegiado, o que fez com que Caxias tivesse que recuar sua posição, por estar em condições de inferioridade. A batalha parecia estar ganha pelos liberais.

Entretanto, o Coronel José Joaquim de Lima e Silva, irmão de Caxias e que estava com sua coluna posicionada na estrada da Lapa, ao ouvir o barulho da artilharia, percebeu que os planos haviam sido alterados e resolveu flanquear a tropa liberal que avançava contra o seu irmão, não encontrando maiores resistências. Tal manobra colocou os revolucionários entre fogo cruzado, e Caxias, em pessoa, comandou uma carga de baioneta contra os inimigos, que entraram em posição de desvantagem e começaram a retroceder rumo ao Arraial. O combate foi renhido e o palco da batalha, segundo o próprio Caxias, “ficou juncado de cadáveres e correu o sangue como água”.



*Quartel General dos Revolucionários em Santa Luzia*





*As janelas do Quartel ainda hoje apresentam as perfurações das balas disparadas pelo Exército de Caxias*

Aos poucos o Exército Imperial foi avançando e tomando as posições dos revolucionários em Santa Luzia, o que não se conseguiu sem resistência. Há registros históricos que confirmam que a Igreja Matriz e outros prédios utilizados pelos revolucionários ficaram cravejados de balas após o combate. O fim do enfrentamento se deu por volta das 15.30h, quando os legalistas tomaram o Quartel General dos rebeldes.

Em 22 de agosto foram sepultados sete corpos de combatentes do Exército Imperial no interior da Igreja Matriz de Santa Luzia. Dos liberais, no cemitério da cidade foram sepultados os corpos do Capitão Antônio Torquato (crioulo forro de 52 anos de idade), de Josefa Parda (atingida por uma bala perdida) e de Francisco Pardo, de 24 anos de idade. No cemitério da Fazenda das Bicas, no dia 25, foi sepultado um escravo de quatorze anos, de propriedade do Capitão José da Rocha de Souza, que fora baleado durante a guerra. Esses foram os sepultamentos oficialmente registrados, mas como os legalistas tiveram



*Detalhe do mapa elaborado pelo Engenheiro Halfeld sobre a Batalha de Santa Luzia*

cerca de 30 mortos e os rebeldes cerca de 60, há indícios de que os corpos desses combatentes tenham sido sepultados em um cemitério improvisado no próprio campo de batalha, na região do Córrego das Calçadas, conforme registro feito no mapa elaborado pelo engenheiro Halfeld, integrante da tropa legalista. Pesquisas arqueológicas poderão encontrar a exata localização do campo santo.

Tomado o Arraial de Santa Luzia, cerca de 300 prisioneiros foram feitos por Caxias, entre eles os principais líderes revolucionários, que decidiram não empreender fuga. No dia seguinte eles foram enviados a Ouro Preto para posterior julgamento, incluído Teófilo Ottoni.

Pela coragem e tenacidade com que lutaram os rebeldes no palco derradeiro da Revolução Liberal de 1842, os integrantes do movimento insurgente passaram a ser chamados de "Luzias", expressão que se transformou, desde então, em sinônimo de destemor e bravura.

**\*Promotor de Justiça em Santa Luzia. Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais**



# A INCONFIDÊNCIA MINEIRA e os Mártires da Liberdade

por Geraldo Amâncio Pereira

## Sonhos de Liberdade

Ronaldo Simões Coelho\*

**N**a sua primeira crônica para A SEMANA, datada de 24 de abril de 1892, Machado de Assis se refere ao centenário da morte de Tiradentes. Vale a pena ler alguns trechos: “Tivemos esta semana o centenário do grande mártir. A prisão do heróico alferes é das que devem ser comemoradas por todos os filhos deste país, se há nele patriotismo”. “O instinto popular, de acordo com o exame da razão, fez da figura do alferes Xavier o principal dos Inconfidentes e colocou os seus parceiros a meia razão da glória. Merecem, de certo, a nossa estima aqueles outros: eram patriotas. Mas o que se ofereceu para carregar com os pecados de Israel, o que chorou de alegria quando viu comutada a pena de morte dos seus companheiros, pena que ia só ser executada nele, o enforcado, o esquartejado, o decapitado, esse tem de receber o prêmio do martírio, e ganhar por todos, visto que pagou por todos”.

A seguir o grande escritor faz uma ressalva: “Entretanto, o alferes Joaquim José tem ainda contra si uma cousa, a alcunha. Há pessoas que o admiram, patrióticas e humanas, mas que não podem tolerar esse nome de Tiradentes. Certamente que o tempo trará a familiaridade do nome e a harmonia das sílabas. Imaginemos, porém, que o alferes tem podido galgar pela imaginação um século e despachar-se cirurgião-dentista. Era o mesmo herói, e o ofício era o mesmo, mas traria outra dignidade”.

É interessante registrar que a palavra dentista só iria ser conhecida com esse nome cem anos depois da morte de Tiradentes, na data da crônica machadiana. O próprio Machado prevê que tal alcunha, com o tempo, se tornará familiar. Mais do que isso aconteceu: sua alcunha se mostrou mais poderosa que seu nome e Tiradentes é reconhecido pela sua coragem e seu patriotismo e seu apelido o torna mais

próximo dos anseios de nosso povo. Basta lembrar que seu primeiro nome, Joaquim, era o mesmo do traidor.

Sabe-se que, órfão, o menino teve dois mestres a seu lado, ambos sábios, que lhe transmitiram conhecimentos variados e importantes. José Mariano da Conceição Veloso, botânico, classificou 2000 plantas em Paraíba do Sul. Autor da Flora Fluminense, em 11 volumes, iniciou o menino no conhecimento de plantas medicinais.

O órfão morou com seu padrinho Sebastião Ferreira Leitão durante 11 anos, tendo tido oportunidade de aumentar seus conhecimentos em diversas áreas, das quais a principal foi a odontologia que lhe valeu seu apelido, dada a sua perícia no tratamento dos dentes.

Outro grande escritor, Dantas Mota, escreveu a Primeira Epístola de Jm. Jzé. da Sva. Xér., O Tiradentes, aos Ladrões Ricos, que, no capítulo 6 relata sua aprendizagem com o



licenciado e padrinho na arte que vai substituir seu nome: “E JÁ NESSAS ALTURAS, O NOME DE Jm. Jzé. Da Sva. Xér, DESAPARECIA, PARA DAR LUGAR AO DE TIRADENTES”.

Nesse livro, o autor descreve sua postura diante da morte, que mereceu de um contemporâneo este belo verso: “Foi um daqueles indivíduos da espécie humana que põem em espanto a própria natureza”.

As tentativas de desmoralizar o herói e mártir duraram anos. E, ao que tudo indica, continuam existindo.

O livro, publicado em 1860 por J. Norberto de Sousa Silva, História da Conjuração Mineira, foi escrito por um homem de rara atividade intelectual, tendo sido presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Recebido como sendo uma tentativa de diminuir os méritos de Tiradentes, não foi bem aceito. Atualmente, o livro é considerado por estudiosos como sendo um depoimento correto do que se passou, mas ainda há quem suspeite de que tenha sido escrito mais como forma de agradar o Imperador do que para ser fiel à verdade.

O fato é que Tiradentes, nascido na Fazenda do Pombal, na época pertencente a São João del Rei e atualmente fazendo parte da cidade de Ritópolis, assim como São José del Rei (hoje a cidade de Tiradentes) foi, sem dúvida, o grande divulgador de um ideal de liberdade para o Brasil. Sua terra natal, São João del Rei seria a capital do país livre. Um dos heróis da Inconfidência, que dá nome ao local onde nasceu, pertencente a Prados, próxima também da cidade de Tiradentes, se chama Vitoriano Veloso, seu nome. Era um humilde alfaiate, afilhado de dona Hipólita, a qual

recebia em sua casa todos os participantes do movimento. Ela foi a única mulher a participar como inconfidente na conjuração. Ao saber da traição, feita por alguém que frequentava sua casa, pediu a Vitoriano que levasse cartas a Ouro Preto relatando a delação e seu afilhado cavalgou heroicamente ao destino, mas não conseguiu cumprir a missão, pois a repressão já estava em andamento. Ele, após a prisão, por ser negro, teve uma pena a mais do que os outros: foi açoitado em volta do local do sacrifício. Foi um dos deportados para a África, onde morreu. Hoje seu local de nascimento é mais conhecido como Bichinho, como se chamava naquela época anterior, e ninguém se refere ao herói que ali nasceu e que lhe dá o nome, desconsiderando seu valor, seu caráter e sua coragem.

Ao escrever sobre Tiradentes procuro compartilhar com Geraldo Amâncio, o grande poeta, o magnífico trabalho que fez sobre a Inconfidência Mineira. É admirável a maneira singela como o autor se coloca diante das vítimas da violenta perseguição ao alferes, o qual se impôs a companheiros letrados, cheios de títulos, levando-os a algo mais importante que seus títulos e seus escritos, pois todos eles aderiram ao maior princípio do ser humano, que é o sonho com a liberdade, o desejo de ser dono do seu solo, a esperança de deixar para os descendentes um país digno e não mais um país escravo e vítima de seus dominadores”.

\*psiquiatra, professor, membro do Instituto Histórico e Geográfico de São João del-Rei, escritor.

## **As Minas e o garimpo da palavra ligeira** **abordagem sobre o arcadismo**

José Mauro da Costa\* | Christian Coelho\*\*

No século XVIII surgem radicais alterações na atividade e no pensamento humanos. Inventam-se máquinas, consolida-se o processo de transformações econômicas e sociais na denominada 1ª fase da Revolução Industrial. Na parte cultural, dá-se a decadência do barroco - e de sua vertente literária, o conceptismo -, cuja estrutura se baseava no teocentrismo, na rígida e irrestrita obediência ao autoritarismo religioso, a gerar até mesmo a busca de delitos contra a fé e severas punições. A Inquisição, como sabemos. Entre nós, exemplo típico dessa literatura são os longos e magistrais sermões do Pe. Vieira, com seus circunlóquios, com excesso de silogismos e sofismas, jogos

de simetria e metáforas.

Em meados daquele século, Minas Gerais tornou-se a capitania mais rica e poderosa do Brasil, como consequência da exploração de ouro e diamantes. Com essa riqueza, floresce a cultura intelectual. Esparrama-se principalmente por Vila Rica, São João del-Rei, Mariana e Diamantina, onde comumente se estudavam os clássicos e o francês era língua corrente. Nessa época surgem algumas das figuras mais notáveis de nossas artes. O Aleijadinho, na escultura; Manuel da Costa Ataíde, na pintura; Lobo de Mesquita, na música.

Vive-se o Iluminismo, com visão antropocentrista como

a preparar terreno para processos revolucionários.

Nesse contexto, nasce aqui o Arcadismo, ou Neoclassicismo, concentrando-se na denominada “Escola Mineira”, tingindo as artes com certa tonalidade burguesa, voltada para questões mundanas e marcada pelo subjetivismo, com reflexos nas áreas sociais e artísticas. Surgem, então, as primeiras arcádias, que buscam retomar a simplicidade das formas clássicas, apresentando seu caráter pretensiosamente reformista nas letras e nas atitudes sociais.

No campo dessa produção literária seguem-se modelos greco-latinos, inspirados no fugere urbem de Horácio (beatus ille, carpe diem). Voltam-se os árcades para a natureza, a revelar por meio de suas obras o ideal da vida bucólica, pastoril, a se afigurar, apenas, como estado de espírito, se considerarmos que quase todos eles - pertencentes à alta classe social e à maçonaria - viviam nos centros urbanos, junto aos interesses da burguesia.

Evidencia-se, portanto, certa contradição entre essa vivência urbana e o mundo por eles idealizado, talvez por isso falar-se em fingimento poético no Arcadismo, como se nota até no uso de pseudônimos. Muito tempo depois nos dirá Fernando Pessoa que o poeta é um fingidor. Ressalve-se que o termo fingidor não nasce do verbo fingir, mas de um substantivo com outro significado, segundo assegura o conceituado escritor pernambucano, Dr. José Paulo

Cavalcante, especialista na vida e obra do vate português.

Simultaneamente a esses movimentos literários, concretizam-se naquela época revoluções e independências, entre outras, nos Estados Unidos e na França, e os ideários desta - liberdade, igualdade e fraternidade - são absorvidos pelos árcades, tornando-se parte objetiva da Inconfidência. No entanto, não éramos ainda sociedade massificada nem havia o conceito atual de cidadania, circunstâncias, talvez, a serem consideradas - além do Judas local - como razão dos maus resultados.

Nesta resumidíssima abordagem não há qualquer pretensão em avaliar valores arcádicos. A Literatura, como as demais artes, em qualquer época, tem seus próprios caminhos, de evolução ou involução - trabalho de artistas e seus críticos. Libertamos os leitores destes nossos comentários para que apreciem as veredas e o resultado da Inconfidência Mineira, aqui citados e apresentados no prefácio do ilustre e conceituado escritor, Dr. Ronaldo Simões Coelho e no épico poema do famigerado poeta e cantador Geraldo Amâncio Pereira.

**\*Professor pela Faculdade de Letras da PUC/MG, com mestrado em Literatura Brasileira. Coordenador do evento “Livro de Graça na Praça”, que se realiza há 14 anos em Belo Horizonte.**

**\*\*Acadêmico de Letras da UFMG e escritor.**

## Uma Ode à **Inconfidência Mineira**

Eugênio Ferraz\*

Cecília Meireles marcou época na literatura com o seu Romanceiro da Inconfidência.

A primorosa edição, capitaneada pelo empresário e literato mor, José Ephim Mindlin, com ilustração de Benina Katz, lançada na Casa dos Contos de Ouro Preto, no início deste século (a ilustradora já ali expressava suas geniais ilustrações no final dos anos 70), ainda mais acentuou a importância dos “poemas” magistrais da autora.

Poesia pura, lirismo e sensibilidade aflora neste “cor-de-l” de Geraldo Amâncio Pereira, enaltecendo a nossa Inconfidência Mineira e Tiradentes.

A decisão de publicar o material agora, transcrito do livro editado pelo mecenas José Mauro da Costa em sua saga por tantos idolatrada, salve salve, ainda mais acentua a importância que percebemos no material, cuja intenção primeira fora editá-lo, em separado de número anterior, para

distribuir à escolares que iam à comemorações, mas não foram convocados, na oportunidade da última edição da Comenda da Liberdade e Cidadania que ocorreu, a duras penas e com considerável atraso, em 28 de dezembro de 2017, na Fazenda do Pombal, unindo São João del-Rei, a anfitriã da edição, a Tiradentes e Ritópolis. Quase não aconteceu... sem comentários a mais acerca do interesse dos poderes públicos em incentivar e prestigiar eventos cívicos para nossa sociedade.

Pois bem, frustrada aquela edição, conseguimos viabilizar esta no corpo da revista. A leitura calma, atenta, introspectiva e sensorial nos leva a um tempo em que idealistas tentaram mudar nosso país. Perderam! Ou ganhamos todos com os exemplos? Tristes tempos atuais!

**\* Engenheiro e jornalista, é o diretor e editor geral da Memória CULT**



# *A palavra liberdade Vive em toda criatura, Quem não a proclama aos gritos, Em sutil sopro murmura.*

*Cecília Meireles*

01  
Afirma Guimarães Rosa  
Que Minas de um povo audaz,  
Sempre que é convocada  
Faz revolta pela paz.  
Quando a Pátria alguém ofende  
Chame Minas que ela atende,  
Avança, pelega e faz.

02  
Minas fonte de onde emanam  
Forças extraordinárias.  
Para tirar o Brasil  
De situações precárias.  
Não retroage, não tarda,  
Está sempre na vanguarda  
Nas revoltas libertárias

03  
Gritou Por diretas já  
Que extinguiu um grande mal,  
Na "inconfidência mineira"  
"Revolução liberal",  
Ela sempre chega antes  
Nas revoluções marcantes  
Da história nacional.

04  
Minas não sabe o que é medo  
Ela chega sempre antes,  
Nas páginas do heroísmo  
E nas revoltas marcantes.  
Pela pátria brasileira  
Sempre toma a dianteira  
Nas causas mais importantes.

05  
O grito da inconfidência  
Que uma traição sufocou,  
É aquele mesmo grito  
Que no Ipiranga ecoou  
Com trinta anos na frente,  
Foi o fruto da semente  
Que Minas Gerais plantou.

06  
Em ouro Minas Gerais  
Não tinha comparação.  
A coroa portuguesa  
Se apossava do filão.  
Cria o imposto do quinto,  
Minas, disse: não consinto,  
Começa a grande questão.

07  
Quando o conde de Assumar  
Tornou-se então governante,  
Trouxe a ordem de cobrar  
O imposto exorbitante.  
Explorando os brasileiros,  
A revolta dos mineiros  
Era um assunto constante.

08  
Foi em mil e setecentos  
E vinte, a primeira vez,  
Que dentro de Vila Rica  
Uma revolta se fez.  
O caudilho da equipe  
Era o tropeiro Felipe  
Dos Santos, um português.

09  
Além de Felipe à frente  
Dessa empreitada ardorosa,  
Pascoal Guimarães da Silva,  
Na mesma luta se entrosa,  
E o Frei Vicente Botelho  
Rezava e dava conselho  
Com Manoel Mosqueira Rosa.

10  
Diminuição de impostos  
Era o que Minas queria,  
Assumar governador,  
Prometeu que atenderia,  
Mas, negou tudo em seguida,  
Felipe pagou com a vida  
Por essa ideologia.



11 Atado a quatro cavalos, Pelos ruas da cidade, Teve seu corpo rasgado, Houve essa barbaridade Para que ninguém ousasse, Não sonhasse, nem pensasse Na palavra liberdade.	19 Para o governo de Minas Chegou um mau elemento, Luís da Cunha Menezes, Arbitrário e violento. Pelos atos que fazia Dentro da capitania Veio o descontentamento.	27 Joaquim Maia a Tomaz Jefferson Falou da necessidade Do apoio americano Com a maior brevidade. Apoiasse e decidisse Para que o Brasil abrisse As portas da liberdade.	35 A cidade Vila Rica Seria por seus perfis Cidade Universitária Da nova pátria feliz. E São João del-Rei, seria Pela sua simetria A capital do país.
12 Externando o inconformismo Da gente brava e ordeira, Sedição em Vila Rica Foi a revolta primeira. Tornou-se com esses atos, A precursora dos fatos Da conjuração mineira.	20 O povo estava sem fôlego Com tanto arrocho fiscal. Nos corações brasileiros Havia um só ideal: Mudar as Leis adversas E as imposições perversas Do trono de Portugal.	28 A equipe separatista Conforme a história diz Era composta de clérigos, Militares e civis. Em vez de se escravizar Era hora de cortar, Todo o mal pela raiz.	36 A derrama era uma taxa De imposto da pior fama, Os inconfidentes tinham Bem formatado o programa, Para tudo entrar em cena No dia em que Barbacena Anunciasse a derrama.
13 O vulcão explodiria Sete décadas adiante, Quando se arquetou O mais famoso levante. Ouvindo o clamor do povo, Minas assumiu de novo Um papel preponderante.	21 Quando os Estados Unidos Com coragem e consciência, Livraram-se da Inglaterra Da terra a maior potência, A notícia se espalhou, Aí Minas despertou O sonho da independência.	29 Uma noite em Vila Rica, Cidade heroica e guerreira, Secretamente foi feita A reunião primeira. Eis os nomes principais Dos ferrenhos liberais Da conjuração mineira.	37 Foi em mil e setecentos No ano de oitenta e nove, Joaquim Silvério dos Reis Como traidor se move. Para trair seus parceiros, Como fazem os traiçoeiros Disso ninguém o demove.
14 Portugal espezinava A nossa terra indefesa. Além de levar o ouro Cobrava imensa despesa, Tal como um lobo faminto, Queria de tudo um quinto Pra coroa portuguesa.	22 Foi em mil e setecentos, No ano setenta e seis, Que o povo estadunidense Independente se fez. A América despertou, E o Brasil também achou Ter chegado a sua vez.	30 O alferes Tiradentes Encabeçou a proposta, O cônego Luís Vieira, Na rebelião aposta. Dois nomes da mesma saga; Tomás Antônio Gonzaga E Cláudio Manoel da Costa.	38 Duas cartas redigiu Contendo o mesmo teor. Mandou para o vice-rei E para o governador. A cada um fez ciente Cumprindo covardemente Seu papel de delator.
15 O reino ia além de impor Tanto tributo pesado, Proibiu a fundição Do ouro aqui encontrado. Também impôs em resumo O monopólio do fumo, Da aguardente e do gado.	23 Muitos jovens brasileiros Que já estudavam lá fora, Sabendo dessas notícias Disseram: chegou a hora, Esse é o momento certo De o Brasil ficar liberto Do império que o explora.	31 Com Alvarenga Peixoto A lista tem força e brilho. Manoel Rodrigues da Costa, Solfeja o mesmo estribilho. O mesmo rol ainda atraí José de Resende pai, José de Resende Filho.	39 Na denúncia ele apontava Os nomes dos conjurados, Os quais foram perseguidos, Presos e interrogados. Pelas confissões prestadas, Sob torturas pesadas, Foram julgados culpados.
16 Proibiu as atividades Artesanais e fabris, Compravam-se só em Lisboa Os produtos mercantis. Com caro imposto embutido E o Brasil era proibido De comprar noutra país.	24 Também quando aconteceu A revolução francesa, A terra das alterosas Pensou na nossa defesa. Nem que houvesse mil dilemas, la quebrar as algemas Nas quais se encontrava presa.	32 Um fazendeiro falido Falsário e desconfiado, Joaquim Silvério dos Reis Na lista foi colocado. Exigiu como barganha Ter depois de a luta ganha Seu débito perdoado.	40 Silvério era fazendeiro E coronel de milícia. Ganhou o perdão das dívidas Quando deu essa notícia. Ainda ganhou mais algo: O título de fidalgo E uma pensão vitalícia.
17 E cem arrobas de ouro Foi sempre a cota anual. As jazidas se encontravam Em estado terminal, Qual mães esgotando as tetas Tinham que encher as gavetas Dos cofres de Portugal.	25 Foi o meio aristocrático Que esse intento concebeu. Sem dúvidas Tiradentes Foi do plano o corifeu. Uma idéia cristalina, Inspirada na doutrina Do iluminismo europeu.	33 Até mesmo uma bandeira Foi logo confeccionada. Com triângulo vermelho, Era assim bem desenhada. Em breve seria pública, Como marco da república No seio da pátria amada.	41 O Judas da inconfidência De pena não sofreu nada. Ficou livre, solto e rico, Dono de terra e boiada. No nosso chão brasileiro Ele foi o pioneiro Na delação premiada.
18 De todas capitánias Minas foi a mais visada, Sufocada por impostos, Bem de perto vigiada. Como a própria história explica, Devido ser a mais rica Foi sempre a mais explorada.	26 Cortar os laços de vez Com a terra de Bragança. Para isso já havia Promessas de confiança, Compromissos assumidos, Pelos Estados Unidos, A Inglaterra e a França.	34 O libertas quae sera tamen Que na bandeira se lia, Foi inspirado num dístico Que Virgílio fez um dia. Que quer dizer na verdade: Exigimos liberdade Ainda mesmo que tardia.	42 Quando se espalham notícias Das infernais delações, Começam por toda parte Terríveis perseguições. Por mais que fossem prudentes Nenhum dos inconfidentes Pode escapar das prisões.

43  
Recebem como castigos  
Sob as ordens lusitanas,  
A deportação perpétua  
Para as terras africanas.  
Onde irão nas enxovias  
Passar os últimos dias  
Em condições desumanas.

44  
Longe dos entes queridos  
Em terras de estranhas crenças,  
Desterrados e humilhados  
Por tenebrosas sentenças,  
Tendo por tristes moradas  
Velhas prisões empestadas  
De mortíferas doenças.

45  
Os três países que haviam  
Assumido compromissos  
De ajudar tirar o povo  
Da lista dos submissos,  
Quando as prisões começaram,  
Os três negligenciaram,  
Foram totalmente omissos.

46  
Dessa página em diante  
Traçamos alguns perfis,  
Dos que quiseram fazer  
De uma colônia um país.  
Botando no rumo certo,  
Um país rico e liberto,  
Um povo livre e feliz.

47  
**Inácio José de Alvarenga Peixoto | 1742-1792**  
Quando Alvarenga partiu  
Para a viagem derradeira,  
O trauma trouxe a loucura  
Para a esposa e companheira,  
A prestimosa senhora  
Dona Bárbara Eleodora  
Guilhermina de Oliveira.

48  
Foi em mil e setecentos  
No ano noventa e dois,  
Estava cumprindo a pena  
Que a justiça injusta impôs,  
Na prisão escura, indigna,  
Pega uma febre maligna  
Morre dois meses depois.

49  
Encontrava-se na África  
Custodiado em Penedo,  
Foi na prisão de Embaca  
Que a morte o encontrou cedo.  
Foi ele precisamente,  
O primeiro inconfidente  
A falecer no degredo.

50  
**Antônio de Oliveira Lopes 1725-1794**  
Carpinteiro e agrimensor  
Como registrado está.  
Morava no Sul de Minas,  
Na região de Itajubá.  
Magoado pela sorte,  
Foi tragado pela morte  
Na prisão de Macuá.

51  
**Domingos de Abreu Vieira 1724-1792**  
Era o mais velho de todos  
Da conjuração mineira.  
Chega em Angola e encontra  
A morte vil e grosseira.  
Assim como os degredados,  
Sucumbem traumatizados,  
Morreu da mesma maneira.

52  
**Domingos Vidal Barbosa 1761-1793**  
Fez medicina na França,  
Servir sempre foi seu plano.  
A solidão do degredo  
O matou depois de um ano.  
Teve o destino aziago,  
Faleceu em São Tiago-  
Guiné no solo africano.

53  
**Francisco Antônio de Oliveira Lopes 1750-1800**  
Esse também é mineiro,  
Das terras de Barbacena.  
Nos planos da Inconfidência,  
Foi ator na mesma cena.  
Morreu dentro de uma cela,  
Quando em Bié de Benguela,  
Cumpria a perpétua pena.

54  
**Francisco de Paula Freire de Andrade | 1756-1809**  
Foi tenente coronel  
Serviu em Minas Gerais.  
Degredado para Angola,  
De onde não regressou mais,  
Na prisão escura e fria,  
Morreu quando padecia  
Das faculdades mentais.

55  
**João da Costa Rodrigues 1744-1792**  
Na Varginha do Lourenço  
Tinha ouro, terra e gado.  
Depois de julgado foi,  
Condenado e exilado.  
Sua vida foi a pique  
Em Mussuril-Moçambique,  
Onde ficou sepultado.

56  
**João Dias da Mota 1743-1793**  
Em Ouro Preto nascido,  
Onde teve residência,  
Deportado porque era  
Membro da Inconfidência.  
Sofrendo angústia e ruína,  
Em Guiné Bissau termina  
A sua triste existência.

57  
**José Aires Gomes 1734-1796**  
Proprietário de terras  
Na Serra da Mantiqueira,  
Num presídio solitário,  
Quente como uma caldeira,  
Faleceu por trás da grade,  
Na solidão, com saudade  
Desta terra brasileira.

58  
**José Álvares Maciel 1760-1804**  
Mineiro de boa estirpe,  
Em Coimbra graduado.  
Ao ser julgado seguiu  
Para Angola deportado.  
Sob castigo tirano,  
Foi um dia em Massangano  
Pela morte fulminado.

59  
**José de Resende Costa (pai) 1730-1798**  
Da freguesia da Laje,  
Esse mineiro de fé,  
Como réu foi deportado  
Com o seu filho José.  
Longe da terra querida,  
A morte pôs termo à vida  
Na África em Cachéu-Guiné.

60  
**José de Resende Costa (filho) 1765-1841**  
Por dez anos expatriado,  
Em Cabo Verde detido,  
Mudou-se para Lisboa  
Onde foi bem acolhido.  
Para o Brasil retornou,  
Somente ele voltou  
Ao chão em que foi nascido.

61  
**Salvador Carvalho do Amaral Gurgel 1762-1812**  
O médico Salvador  
Carvalho Amaral Gurgel,  
Da taça dos desterrados  
Teve que sorver o fel.  
Morreu só e sem defesa,  
Torturado na tristeza  
Do banimento cruel.

62  
**Vicente Vieira da Mota 1735-1798**  
Foi contador do senhor  
João Rodrigues Macedo.  
Deportado também foi  
Para o eterno degredo.  
Morreu em Rio de Sena,  
Foi pelo peso da pena  
Fulminado muito cedo.

63  
**Vitoriano Gonçalves Veloso 1738-1803**  
Para Moçambique foi  
Essa infeliz criatura.  
Era um famoso alfaiate  
E por ter a pele escura,  
Por muitos dias e noites  
Foi condenado a açoites,  
Morreu de tanta tortura.

64  
**Cláudio Manoel da Costa 1729-1789**  
Cláudio Manoel da Costa  
Riquíssimo fazendeiro,  
Foi preso como envolvido  
No movimento mineiro.  
Depois dos processos prontos,  
Ficou na Casa dos Contos  
Tal como réu prisioneiro.

65  
Essa casa em Vila Rica  
Onde houve horríveis cenas,  
É citada por Gonzaga  
Nas suas cartas chilenas.  
Foi onde Cláudio Manoel  
Teve uma morte cruel,  
Sob tenebrosas penas.

66  
Há mistérios sobre a morte  
De Cláudio Manoel da Costa.  
Sem resposta fidedigna  
Como a história exige e gosta.  
Na prisão onde ultimou-se  
Foi morto ou suicidou-se?  
Não existe uma resposta.

67  
**Tomás Antônio Gonzaga 1744-1810**  
Nasceu no Porto e morou  
Em Pernambuco e Bahia.  
Foi para Minas Gerais,  
Lugar onde ficaria  
Com direito e com louvor  
Promovido a ouvidor  
Da dita Capitania.

68  
A maior autoridade  
Do poder judiciário,  
No seu íntimo pensava  
Num caminho libertário.  
Enfrentou diversas vezes  
Luís da Cunha Menezes  
Governador arbitrário.





69  
 Por Maria Dorotéia  
 Se apaixonou e faz vigília.  
 Encontrou nessa paixão  
 Oposição da família.  
 Por esse amor se consome,  
 Atribuindo-lhe o nome  
 Arcádico, de Marília.

70  
 Gonzaga ainda a tratava  
 Por Marília de Dirceu,  
 Era como se ela fosse  
 Julieta e ele Romeu.  
 Sua beleza suprema,  
 Ficou em cada poema  
 Que o menestrel escreveu.

71  
 A Marília de Dirceu  
 Tinha o corpo escultural,  
 Encantamento e beleza,  
 Formosura angelical.  
 Nos olhos doce fulgor,  
 A magia, o esplendor  
 De uma aurora boreal.

72  
 Nem a velhice extinguiu  
 Sua beleza completa.  
 Se às vezes saía às ruas,  
 Dizia a turba inquieta:  
 Eis a meiga criatura,  
 Fonte de amor e ternura,  
 Da inspiração do poeta.

73  
 Sua voz tinha a doçura  
 Dos vesperais de harmonias,  
 As suas noites tornaram-se  
 Infundáveis e vazias.  
 Do amor fez abstinência,  
 Terminou sua existência  
 Afogada em Nostalgias.

74  
 Descoberta a Inconfidência  
 O poeta é acusado,  
 De fazer parte da mesma,  
 Foi preso e encaminhado  
 Para o Rio de Janeiro,  
 De lá para o estrangeiro  
 Onde ficou exilado.

75  
 Dos deportados é esse  
 Quem melhor se comunica.  
 Inclusive se dá bem  
 Em Moçambique onde fica.  
 Arranja até uma esposa,  
 A Juliana de Souza,  
 Moça de família rica.

76  
 Neste livro, Tiradentes  
 É a figura central.  
 Sua determinação,  
 A coragem colossal,  
 Arrojo, fé e bravura  
 Formarão a contextura  
 Do capítulo final.

77  
**UMA MULHER DE CORAGEM**  
 Na inconfidência houve poucas  
 Atuações femininas.  
 Só consta o nome de Hipólita  
 Senhora filha de Minas  
 Pelo seu gesto inaudito  
 Deve ter seu nome escrito  
 No livro das heroínas.

78  
 Seu nome não é citado,  
 Nem a sua trajetória.  
 É tempo de corrigir  
 Essa falta de memória.  
 Há um silêncio que assusta,  
 A história tem sido injusta  
 Com quem faz parte da história.

79  
 Onde a participação  
 De Hipólita não é citada,  
 É porque quem pesquisou  
 Perdeu o fio da meada.  
 Quando essa falha acontece,  
 A história permanece  
 Incompleta e mutilada.

80  
 Fazenda Ponta do Morro  
 Foi sempre a sua matriz.  
 Fazendeira muito rica,  
 Realizada e feliz.  
 Dona de grande tesouro,  
 Muita terra, muito ouro  
 Teve tudo quanto quis.

81  
 Fez parte integral dos planos  
 Dos vultos intemoratos.  
 Incentivou com idéias,  
 Estimulando com atos.  
 Quis ver o Brasil liberto,  
 Acompanhando de perto  
 O desenrolar dos fatos.

82  
 E nas reuniões secretas  
 Reforçava esta mensagem:  
 Que ninguém retroagisse,  
 Que não faltasse coragem,  
 Por uma causa tão bela,  
 Podiam contar com ela  
 Numa total parceria.

83  
 Participou com empenho,  
 Não retroagiu em nada.  
 Manteve constantemente  
 Sua palavra empenhada.  
 À causa dando suporte,  
 Contou com a grande sorte  
 De não ser denunciada.

84  
 Foi de forma tão secreta  
 Sua contribuição,  
 Que nem o falso Silvério,  
 O autor da delação,  
 Não pensou, não pressentiu,  
 Não soube, não descobriu,  
 Sua participação.

85  
 Hipólita assim que soube  
 Da prisão de Tiradentes,  
 Buscou dentre os mensageiros  
 Um dos mais experientes.  
 Para com manha e perícia  
 Levar urgente a notícia  
 Aos outros inconfidentes

86  
 O alfaiate mineiro  
 Vitoriano Veloso,  
 Era compadre de Hipólita  
 Destemido e corajoso.  
 Foi escolhido emissário  
 Para esse itinerário  
 Altamente perigoso

87  
 Ele também era um nome  
 Da lista da inconfidência,  
 Habitado a cavalgar  
 Já antes da adolescência,  
 La viajara sem tréguas  
 Por mais de quarenta léguas  
 Com heroica resistência.

88  
 Pediu que o mesmo levasse  
 Com toda velocidade,  
 Uma carta que continha  
 Uma triste novidade.  
 Ele foi correndo risco  
 Para entregar a Francisco  
 De Paula Freire de Andrade

- 89  
De Prados a Vila Rica  
A cavalo normalmente  
Se gastam setenta horas  
Mas ele foi tão urgente,  
Foi com tanta rapidez  
Nessa viagem que fez  
Gastou dez horas somente.
- 90  
Na mensagem ela dizia  
Que a partir daquele instante,  
Não poderia ser dado  
Nem um passo vacilante,  
Pedia ansiosa e aflita  
Que assim que lesse a escrita  
Iniciasse o levante.
- 91  
Em Lafaiete encontrou-se  
Com um padre inconfidente,  
Que leu a carta e rasgou  
Por ser sagaz e prudente,  
E disse – Seja feliz  
Lembre do que a carta diz  
Use palavras somente.
- 92  
Por sua fé Joana D'Arc  
Ficou imortalizada,  
E Anita Garibaldi  
Enfrentava a luta armada,  
Nenhuma supera Hipólita  
Mulher de vontade insólita  
Valente e determinada
- 93  
**O ADVOGADO**  
Muitos fatos com o tempo  
Podem desaparecer,  
Porém os mais relevantes  
Terão que permanecer,  
A bem da nossa memória  
Nosso dever com a história  
É não deixá-la morrer
- 94  
Não há nada neste mundo  
Que o tempo não estrague,  
Que o trator feroz dos anos  
Não machuque e não esmague,  
A história é um farol  
Que deve ser como o sol  
Que não morra, não se apague.
- 95  
Aqui quero referir-me  
A um grande advogado,  
O Doutor José Fagundes  
Em Coimbra diplomado,  
Mestre na jurisprudência  
Para os réus da inconfidência  
Foi o nome contratado.
- 96  
Quando a Santa Casa de  
Misericórdia, do Rio,  
Quis contratar um causídico  
De coragem, fama e brio,  
Nenhum se comprometeu  
Só Fagundes se atreveu  
A enfrentar o desafio.
- 97  
Sabe-se que a Santa Casa  
De Misericórdia fez,  
Um contrato com Fagundes  
Pagou tudo de uma vez,  
Já que os bens dos conjurados  
Foram todos seqüestrados  
Pelo Império português
- 98  
Os seus honorários foram  
Duzentos mil réis apenas,  
Para livrar seus clientes  
Das mais dolorosas penas,  
Valor que se calculava  
Em Vila Rica comprava  
Umhas três reses pequenas.
- 99  
O Doutor José Fagundes  
Latinista respeitado,  
Trabalhou com desassombro  
Afoito e determinado,  
Com essa coragem dele,  
Muitos pensavam que ele  
Também seria enforcado
- 100  
Alegou que Tiradentes  
Não passava de um loquaz,  
Sofrendo frequentemente  
Desequilíbrios mentais,  
Trilhou por essa vertente  
Para livrar seu cliente  
Do pior dos tribunais.
- 101  
A loucura é inacusável  
Fagundes alegaria,  
Ainda que o crime fosse  
Como o tribunal dizia:  
O “de lesa majestade”  
A imputabilidade  
Penal aí não cabia.
- 102  
Fez essas alegações  
Para obter a soltura,  
Lembremos que Tiradentes  
Nunca sofreu de loucura.  
Era por tudo que fez  
Portador de lucidez  
Patriotismo e bravura
- 103  
Fagundes quando ia ao Fórum  
A defender seus clientes,  
De vez em quando escutava  
Marteladas estridentes,  
Sabia por dedução  
Que aquilo era a construção  
Da força de Tiradentes
- 104  
Mil causídicos, se houvesse  
Não poderiam dar jeito,  
Porque o pré-julgamento  
Há muito já estava feito,  
Na Corte havia essa norma  
As leis eram só pro - forma  
Ela mesma era o direito.
- 105  
Descaso, quase desprezo  
Com Fagundes acontece,  
Seu rosto não é lembrado,  
Seu vulto o Brasil esquece.  
A história torna-se ingrata  
Quando não lembra, nem trata  
Seu nome como merece
- 106  
**JOAQUIM JOSÉ DA SILVA XAVIER  
TIRADENTES | 1746 – 1792**  
Foi no século dezoito  
Que o nascimento se deu,  
Em Pombal, Minas Gerais  
Em quarenta e seis nasceu,  
Por uma coincidência  
O mártir da inconfidência  
Com quarenta e seis morreu.
- 107  
Perdeu cedo a mãe Maria  
Paula da Encarnação,  
O pai Domingos da Silva,  
Cedo partiu num caixão  
Aos onze desamparado  
Terminou sendo criado  
Pelo tio Sebastião.
- 108  
De onde vem o Tiradentes  
Que é o apelido seu?  
A arte de Tiradentes  
Com o tio ele aprendeu,  
Assim ficou conhecido  
Eis porque seu apelido  
Na história permaneceu.
- 109  
O alferes Tiradentes  
Além de outras ações boas,  
Tratava os subordinados  
Como importantes pessoas,  
Cumpriu um grande papel  
Ao construir um quartel  
Dentro de Sete Lagoas.
- 110  
Da abertura de uma estrada  
Também se encarregaria,  
Da dita Sete Lagoas  
A mesma estrada partia,  
Aos comboios dando acesso,  
Fazendo assim o progresso  
Chegar à capitania.
- 111  
Porta de entrada do Vale  
Das águas sanfranciscanas,  
Onde as estradas reais  
Se enchiam de caravanas,  
Desde os currais da Bahia  
Chegando à capitania  
Levando rações humanas
- 112  
Do caminho do Menezes  
Comandou a construção,  
Na Serra da Mantiqueira  
Uma aurífera região,  
Pelo trabalho que fez  
Recebeu quarenta e três  
Pontos de mineração
- 113  
Sabendo ele que pobre  
Doente mal se medica,  
Para atender os carentes  
Instalou uma botica,  
Atendia o boticário  
Junto à ponte do Rosário  
Num prédio de Vila Rica
- 114  
Com as práticas cirúrgicas  
Que aprendeu com Frei Veloso,  
Vendo que a saúde estava  
Num estado lastimoso,  
Aos humildes atendia  
Aplicando o que sabia  
Sempre afável e atencioso.
- 115  
Bochechos, chás, gargarejos,  
Limpezas de ferimentos,  
Sarjas, punções, torniquetes  
Para estancar sangramentos,  
Extrações dentárias, banhos,  
Rezas pra males estranhos  
E outros procedimentos.
- 116  
Circulava em suas veias  
O sangue nacional.  
Queria ver nosso povo  
Com liberdade total,  
Sem jugos, sem embaraços,  
Livre das leis e dos laços  
Das forcas de Portugal
- 117  
Pensou e botou em prática  
Seus planos de liberdade,  
Foi encontrando parceiros  
Cheios de boa vontade,  
Movimento oculto e intenso,  
Até chegar ao consenso  
Da fidalga sociedade.
- 118  
A maioria falava  
O francês fluentemente,  
A maçonaria afirma  
Que era linha de frente,  
Podendo se analisar  
Que a camada popular  
Da questão ficou ausente
- 119  
Ele era também tropeiro  
Ao tanger seus animais,  
Nas viagens que fazia  
Do Rio a Minas Gerais,  
Nos lugares que passava  
Com entusiasmo espalhava  
Seus heroicos ideais
- 120  
Descoberto o movimento  
Na delação premiada,  
O nosso herói pressentiu  
Que era o fim da jornada,  
Com tristeza e sentimento  
Assiste ao sepultamento  
Da liberdade sonhada.



121  
Joaquim José da Silva  
Xavier o Tiradentes,  
Aos olhos do Tribunal  
O pior dos delinqüentes,  
Com heroísmo e franqueza  
Assumiu toda a defesa  
Dos outros inconfindentes.

122  
Preso sofreu torturas  
Com enorme resistência,  
À dona Maria "a louca"  
Não implorou por clemência.  
Não se arrependeu do enredo,  
Não se acovardou com medo,  
Não manchou a consciência.

123  
Interrogado esboçava  
Patriotismo e ardor.  
Dizia aos inquiridores  
Com enorme destemor,  
Que a culpa era toda dele  
Que processassem só ele  
Que era de tudo o mentor.

124  
Dizia: Não me arrependo  
Quando a consciência move,  
O que fiz até agora  
Faria tudo de novo,  
Se dez vidas eu tivesse,  
Daria para que houvesse  
Liberdade para o povo

125  
Hora nenhuma esboçou  
Nenhum arrependimento,  
Esperou mais de dois anos  
Que saísse o julgamento,  
Recebeu com indiferença  
A mais terrível sentença  
Morte por enforcamento.

126  
Mesmo sabendo que morrem  
Os bravos não retroagem,  
Tiradentes fez de conta  
Que estava aqui de passagem,  
Enfrentou toda questão  
Com fé, determinação,  
Intrepidez e coragem.

127  
Resoluto como sempre  
Até chegar ao extremo,  
Do barco da liberdade  
Não abandonou o remo,  
Não se arrepende, não chora,  
Aguarda o dia e a hora  
Do sacrifício supremo.

128  
Dirigindo-se ao carrasco  
Fez apenas um pedido,  
Que abreviasse os trabalhos  
Foi prontamente atendido.  
No derradeiro momento  
Não se ouviu um só lamento,  
Nem um grito, nem gemido.

129  
Tiradentes teve a força  
Como castigo maldito,  
Do corpo feito em pedaços  
Fica o mártir, nasce o mito.  
A verdade não ilude  
O homem tem finitude  
Mas o herói é infinito.

130  
A casa em que ele morava  
Foi destruída e queimada.  
Sobre um montão de ruínas  
Toda terra foi salgada.  
Um castigo horripilante  
Para que dali por diante  
Nunca mais nascesse nada

131  
Os seus familiares foram  
Maltratados, perseguidos,  
De usar seu sobrenome  
Todos foram proibidos,  
Registros se queimariam  
E os parentes ficariam  
Eternamente punidos.

132  
Pautou a vida em servir  
Com trabalho e caridade,  
Porém seu gesto maior  
Legou à posteridade,  
Esse o tempo não consome  
Com sangue escreveu seu nome  
No livro da liberdade.

133  
Nos anais da nossa história  
Enquanto registro houver,  
Enquanto o nosso Brasil  
Boa memória tiver,  
Um nome não terá fim,  
O do alferes Joaquim  
José da Silva Xavier

## FIM

Obrigado, Laus Deo.

**Geraldo Amancio Pereira**, nasceu no sítio Malhada de Areia-Cedro-Ceará, em 29 de abril de 1946. É poeta, repentista, escritor e palestrante. Tem 12 livros de poesia publicados, vários cordéis, 16 discos gravados. Já ministrou palestras sobre cantoria e cordel nas Universidades do Rio Grande do Norte, Pernambuco, Coimbra, na Academia Mineira de Letras e em várias outras instituições. Em fevereiro de 2018, fará apresentações de poesia e palestras, nas Universidades de Aveiro, Lisboa e Coimbra. Continua em plena atividade. Arrebatou mais de 150 primeiros lugares, em festivais competitivos de poesia.







# Pedras de Raio

Gilberto Pires de Azevedo\*

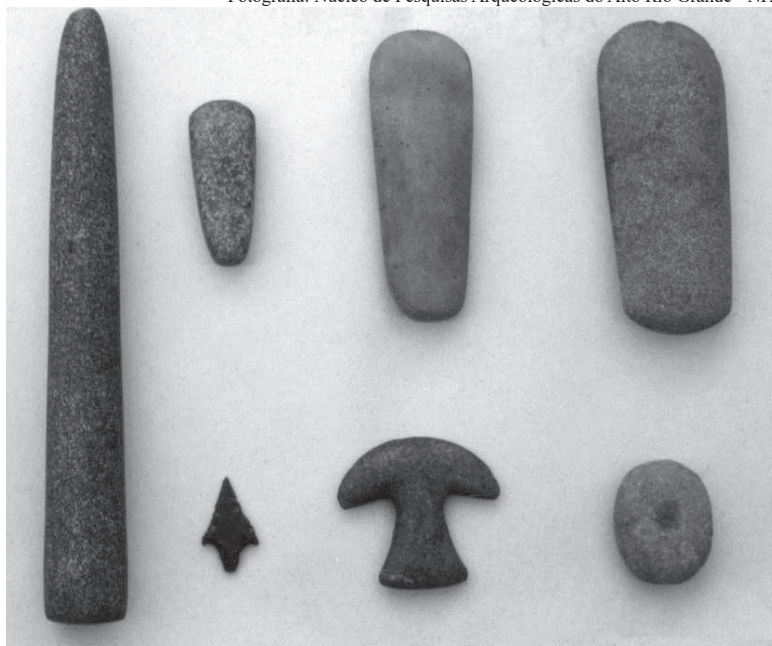
**U**m relâmpago ilumina as nuvens escuras da tempestade, atingindo o solo como uma bomba. No chão, em meio ao trovão e à luz azulada da descarga elétrica, uma pedra estranhamente lisa desliza célere e, num piscar de olhos, mergulha a sete metros de profundidade.

Passada a chuva, terá início uma lenta viagem de volta: a pedra subirá um metro por ano, até retornar à superfície. Aí, então, será preciso ter muito cuidado, pois na primeira oportunidade a pedra atrairá outro raio.

Esta curiosa lenda foi-nos contada muitas vezes no interior de Minas Gerais para explicar a origem das pedras de raio: pedras muito lisas e com estranhos formatos que às vezes são encontradas nos campos. Encontramos até uma “testemunha ocular”: um senhor idoso contou-nos que havia visto uma dessas pedras “correr até uma moita e se enfiar no chão” quando um raio atingiu local próximo de onde ele estava.

Como as tais pedras de raio são na realidade instrumentos líticos pré-históricos – machados, soquetes, pontas de flecha e outros – achávamos graça na lenda, que imaginávamos ser de origem local. Estávamos quase tão longe da verdade quanto aquele senhor idoso, porém.

Fotografia: Núcleo de Pesquisas Arqueológicas do Alto Rio Grande - NPA



Exemplos de “Pedras de Raio” brasileiras: na verdade, são instrumentos líticos pré-históricos.

**E com effeito, depois das experiencias de Fusi-  
nièri, que nos tem mostrado a foisca electrica car-  
regada de particulas pesadas; depois do que nós  
temos sabido relativamente aos transportes ope-  
rados pelo raio e aos relampagos de terceira classe  
(raio globular), quem ousará dizer hoje que esta  
expressão pedra do raio nada tem de real ?**

Trcho da seção Sciencias do Correio Mercantil, e Instructivo, Politico, Universal (RJ)  
– Número 118 – 30 de abril de 1855 – M. A. de Frairiere (?)

Reproduzido de [http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=217280&Pag-  
Fis=10327&Pesq=](http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=217280&Pag-<br/>Fis=10327&Pesq=)





As lendas associando raios a pedras com formatos incomuns são muito antigas e ocorrem na maior parte do mundo, descobrimos depois. Por toda a Europa há palavras para designar as “pedras de raio”: thunderstones, thunderbolts, pierres de foudre, ceraunia, piedras del rayo, Blitzsteine, pedras de corisco e muitas outras. Os escravos africanos na Bahia também trouxeram lendas associadas a elas. De fato, segundo Kristiina Johanson, apenas na Austrália e no Pacífico Sul não haveria lendas similares.

Mas o interesse pelo assunto não ficava restrito à cultura popular. Até mesmo cientistas do Século XIX (ou “sábios”, como se usava na época) discutiam a existência de pedras de raio, como se vê abaixo:

## As verdadeiras pedras de raio

Em meio a tantas lendas e polêmicas antigas, é até surpreendente constatar que pedras de raio, afinal, existem mesmo: são os fulguritos. Eles são estruturas de aspecto vítreo que podem se formar quando raios atingem superfícies como rocha ou areia. Os fulguritos rochosos surgem quando um raio atinge uma rocha. A alta temperatura pode fundir a camada superficial da rocha, formando uma casca vitrificada. Essa classe de fulguritos, apesar de notáveis do ponto de vista científico, apresenta baixo potencial para despertar interesse nos leigos e dar origem a lendas.

Já os fulguritos arenosos, formados em terrenos com areia compacta, podem ser fascinantes. Quando o fluxo da corrente elétrica produzido pelo raio na areia gera temperaturas superiores ao ponto de fusão da sílica (1.830° C), podem se formar estruturas tubulares ocas e finas, com diâmetro que não ultrapassa poucos centímetros mas que podem ser bastante longas, lembrando formigueiros ou raízes. As paredes internas são vitrificadas e exterior é arenoso, com o aspecto da areia local.

Tais estruturas reproduzem os trajetos da corrente elétrica – daí serem chamadas de “raios petrificados” – e podem se estender até alguns metros abaixo da superfície. De fato, há descrições de fulguritos que superaram 5 metros de profundidade, sendo que o alcance parece ser influenciado pela localização do lençol freático.

Não é raro que os fulguritos produzidos em terrenos arenosos, como em dunas, sejam expostos pela erosão. Como geralmente são muito frágeis, eles partem-se facilmente em pequenos tubos de formato irregular. Recuperar intactos fulguritos grandes exige escavações cuidadosas.



*Detalhe de um fragmento de fulgurito, onde se vê o interior do tubo vitrificado. Reproduzida de <http://phaxe.tumblr.com/image/30917049618>*



*Escavação de um fulgurito bifurcado. Reproduzida de <http://www.minresco.com/>*



*Fulgurito com ramificações. Reproduzida de <http://www.laboiteverte.fr/les-fulgurites-a-la-rencontre-entre-la-foudre-et-le-sable/>*

## Belemnites

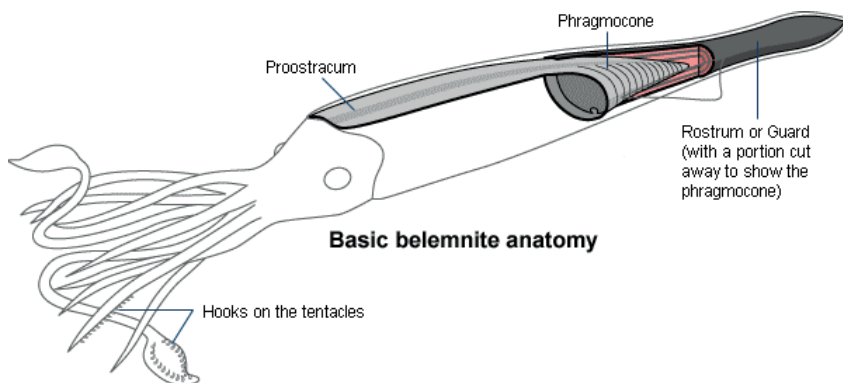
As surpresas associadas às lendas das pedras de raio não são poucas. De fato, é difícil imaginar como moluscos cefalópodes marinhos extintos há 65 milhões e com aspecto parecido com o das lulas atuais possam guardar relação com tal assunto. No entanto, é bastante possível que eles tenham dado origem às primeiras versões da lenda.

Os belemnites, que pertenciam à subordem Coleoidea, surgiram na transição do período Devoniano para o Carbonífero, entre 360 e 340 milhões de anos atrás, e desapareceram no grande evento de extinção K-T que marcou o fim do período Cretáceo e o início do Terciário, há 65 milhões de anos.

Os belemnites eram carnívoros que usavam seus dez tentáculos equipados com pequenos ganchos (e não ventosas, como nos cefalópodes atuais) para capturar peixes e outros animais marinhos. Como outros cefalópodes, possuíam uma bolsa de tinta que lançavam na água para confundir os predadores (com destaque para os ictiossauros) e possibilitar a fuga.

Seu corpo era estruturado ao redor de uma concha interna composta por três partes:

- ❑ Pró-ostáculo - composto de material orgânico levemente mineralizado, sustentava as vísceras e formava uma base de apoio para os músculos.
- ❑ Fragmacono – composto principalmente de aragonita, inseria-se em uma abertura cônica na parte inferior do rostró.
- ❑ Rostro ou guarda – composto de calcita, formava a parte posterior da concha e tinha a forma de um projétil, semelhante a uma bala de fuzil. Servia para contrabalançar o peso do corpo e proteger parte do fragmacono, e podia ter de 2 a 20 cm de comprimento. Na espécie *Megateuthis gigantean*, cujos fósseis são encontrados na Europa e na Ásia, o rostró podia chegar a 46 cm, indicando que o tamanho do animal atingia até 3 m.



*Anatomia dos belemnites*

Reproduzida de <http://www.ucmp.berkeley.edu/taxa/inverts/mollusca/cephalopoda.php>

Desses componentes da concha interna, apenas o rostró de calcita se preserva facilmente. De fato, ele pode ser encontrado em quantidade em alguns depósitos naturais e chama a atenção por seu formato peculiar. *Bala de moro*, *punta de rayo*, *belemnos* (dardo), *Devil's Fingers*, *Alpschoß* e muitos outros nomes foram atribuídos a esses fósseis em diferentes lugares.



*Rostró de belemnites*

Reproduzida de <https://es.wikipedia.org/wiki/Belemnoidea>

É fácil entender que a verdadeira origem desses objetos – fósseis de animais marinhos extintos há milhões de anos – seria de impossível dedução para os povos antigos que podiam encontrá-los em locais distantes centenas de quilômetros dos mares contemporâneos, mas não é possível saber quando começaram a ser associados a raios. Isto pode ter ocorrido há dezenas de milhares de anos, ou pode ser mais recente.

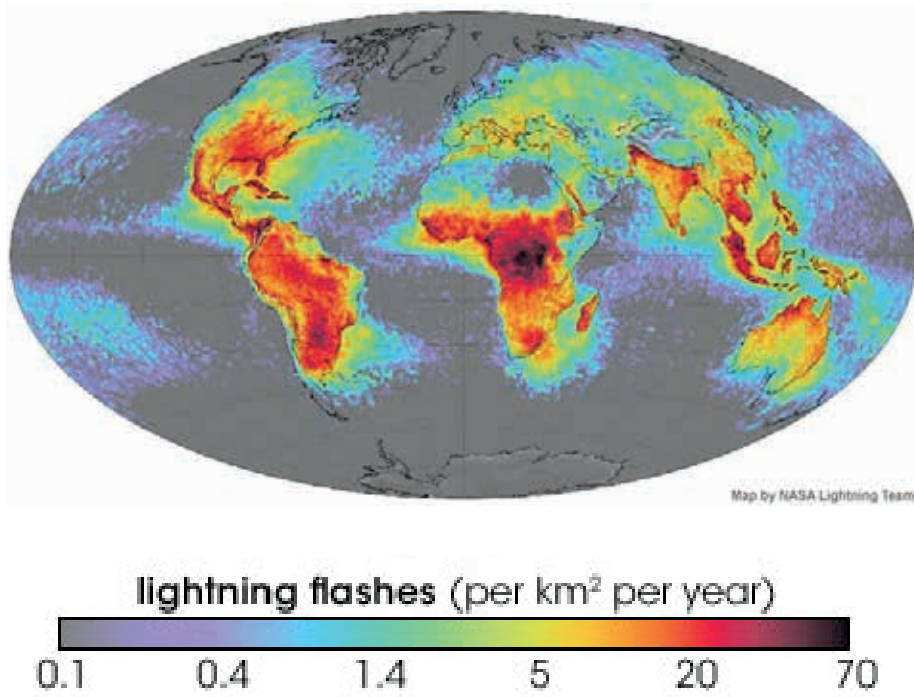
Aqui é possível formular uma hipótese: talvez a “complementaridade” entre as formas dos fósseis de belemnitas e dos fulguritos tenha contribuído para o surgimento da lenda. Os tubos vítreos dos fulguritos, que sem muita dificuldade poderiam ser visualmente associados à queda de um raio pelas pessoas que estivessem nas proximidades, seriam considerados o resultado da penetração violenta e rápida dos belemnitas no solo. E, como os belemnitas eram encontrados em quantidade à superfície em alguns locais, isto seria devido ao retorno dessas “pedras de raio” à superfície, decorridos alguns anos.

Dependendo da versão da lenda, os raios em si seriam consequência da descida ao solo dos rostros dos belemnitas, ou tais objetos seriam apenas o componente frontal dos raios (“a ponta do raio”). Essas “pedras de raio” teriam uma propriedade mágica: elas serviriam de repelentes para outros raios, impedindo que atingissem o local onde estivessem ou as pessoas que as portassem. Em muitas partes do mundo, amuletos eram confeccionados com esses objetos para proteção pessoal contra raios e outros perigos.

## “Raios não caem duas vezes no mesmo lugar”

É possível que outra lenda bem conhecida, segundo a qual raios nunca caem duas vezes no mesmo lugar, esteja associada à suposta proteção conferida pelas “pedras de raio”. O local onde uma pedra desse tipo estivesse presente estaria protegido contra a incidência de outros raios. Mas tal crença dificilmente teria se originado em locais com alta incidência de raios, pois é bastante óbvio para os habitantes dessas regiões que os raios podem sim atingir diversas vezes o mesmo sítio. Aliás, o fato de um raio atingir um local geralmente indica que ele reúne condições propícias a que o fenômeno volte a ocorrer ali.

Isto se ajusta à variante da lenda que encontramos em Minas Gerais, onde a incidência de raios é muito alta: as “pedras de raio”, em lugar de repelir raios, os atrairiam. Após cumprir um ciclo de sete anos subindo lentamente até a superfície do solo, à “velocidade” de um metro por ano, uma “pedra de raio” atrairia um novo raio e voltaria a penetrar sete metros no solo. Por isso, seria perigoso coletar tais objetos ao encontrá-los nos campos. É interessante constatar como a lenda foi modificada para se ajustar às características climáticas das regiões tropicais.



Mapa isoceràunico, que mostra a incidência de raios por km<sup>2</sup> por ano na Terra.  
Reproduzida de <http://geology.com/articles/lightning-map.shtml>

## ***Raios, fulguritos, belemnitas, amuletos e instrumentos pré-históricos***

Como elementos tão diversos como um fenômeno atmosférico e seus vestígios no solo, fósseis de animais extintos há dezenas de milhões de anos, utensílios de civilizações antigas e amuletos com poderes mágicos se combinaram em uma mesma lenda? Bem, devemos começar lembrando que todos eles são fascinantes e despertam a nossa imaginação. O raio, em especial, era um fenômeno especialmente amedrontador para os povos primitivos, e não só para eles. Sua associação com divindades era quase imediata. E, em alguns lugares, em especial em praias e dunas, não seria difícil associar – corretamente, aliás – os raios aos fulguritos arenosos. Em seguida, entram na lenda os fósseis dos belemnitas: seu formato, compatível com os tubos ocos dos fulguritos, teria levantado a hipótese de serem as “pontas dos raios”, que teriam perfurado o solo e gerado os fulguritos. Como o raio estava associado a divindades, a sua ponta teria poderes mágicos, levando ao uso como amuleto.

É possível que essas associações tenham ocorrido há muito tempo, talvez há dezenas de milhares de anos. Estudos etnológicos e migratórios poderiam contribuir para avaliar esta hipótese, em especial se confirmada a inexistência de lendas associadas a pedras de raio na Oceania.

Já os instrumentos líticos – machados, soquetes, pontas de flecha – começaram a participar da lenda em período bem mais recente. Surpreendentemente, apesar de a humanidade haver utilizado instrumentos de pedra durante centenas de milhares de anos, a memória do seu uso e fabricação perdeu-se após o surgimento de instrumentos de metal. Verificamos este fenômeno até mesmo em Minas Gerais, onde algumas pessoas demonstravam dificuldade em aceitar que tais artefatos polidos pudessem ter sido utensílios indígenas comuns até pouco mais de 300 anos atrás.

Assim, é compreensível que, até fins do Século XV, os artefatos líticos fossem considerados pelos cientistas como formações geológicas de origem natural. Talvez pela semelhança da superfície lisa e pelo formato

inusitado, que podem lembrar os fósseis de belemnitas, eles também foram tratados como “pedras de raio” dotadas de propriedades mágicas. Foi só com o advento das grandes navegações que os cientistas do Velho Mundo tiveram contato com o uso de instrumentos líticos e suas técnicas de fabricação, permitindo o esclarecimento definitivo da origem dos objetos misteriosos encontrados no solo.

Mas era tarde: a lenda associando-os às “pedras de raio” já estava arraigada e disseminada.

Agradecemos ao historiador Marcos Paulo de Souza Miranda pelas valiosas sugestões e contribuições para a elaboração deste trabalho.

## **Referências**

“The meaning of ceraunia: archaeology, natural history and the interpretation of prehistoric stone artefacts in the eighteenth century” - MATTHEW R. GOODRUM - *British Journal for the History of Science*, 2002, 35, 255–269

“Bibliography of Fulgurites” – John E. Stout, Andrew Warren, Thomas E. Gill - <http://www.lbk.ars.usda.gov/wewc/bof/fulgurites.htm>

“Pedras de Raio” – Gilberto Pires de Azevedo – *NPA Informa* no. 7 – Janeiro de 2000

“THE CHANGING MEANING OF ‘THUNDERBOLTS’” - Kristiina Johanson – *Folklore: Electronic Journal of Folklore* – Volume 42 – Setembro de 2009 - <http://www.folklore.ee/folklore/vol42/johanson.pdf>

“Belemnites” – British Geological Survey - <http://www.bgs.ac.uk/discoveringGeology/time/Fossilfocus/belemnite.html>

Seção Sciencia do Correio Mercantil, e Instructivo, Politico, Universal (RJ) – Número 118 – 30 de abril de 1855 – M. A. de Frairiere (?) - <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=217280&PagFis=10327&Pesq=>





# Um herói das ruas

Petrônio Souza Gonçalves\*

*A Inconfidência Mineira e a vida de Tiradentes serão temas da próxima edição em quadrinhos do criador do super-herói mineiro Celton*

Fotografias: acervo do artista



A vida de Lacarmélio Alfeu de Araújo é uma verdadeira história em quadrinhos. São muitas as facetas, superações e capítulos na trajetória do menino nascido no interior de Minas, mais precisamente em Itabirinha, leste mineiro, que chegou a capital mineira aos 13 anos de idade, em 1972, e desde sempre quis viver da sua arte, de seu sonho

Em Belo Horizonte Lacarmélio trabalhou nas ruas como ambulante, engraxate, lambe-lambe no Parque Municipal, sempre mirando nas bancas de revistas as histórias que não eram as dele. Aos 15 anos criou o super-herói que lhe rendeu também a alcunha: Celton. Sobre a escolha do nome, ele esclarece: “Eu queria um nome que fosse fácil de ser falado em qualquer língua, um nome curto, forte, expressivo, daí veio Celton. Acho um nome bem brasileiro e diferente.”

Até chegar ao herói e à primeira revista foram anos e anos de amadurecimento e aprendizado. Primeiro percorreu as grandes editoras de HQ do país do eixo Rio de Janeiro/São Paulo, sempre ouvindo um sonoro não, com a justificativa final: “Brasileiro não compra quadrinhos de brasileiro”. Era a imperiosa verdade. Depois de largar um emprego estável no governo do Estado, no extinto DAE - Departamento de Água e Energia - e perder suas economias nas peregrinações

em busca de editora, decidiu, depois de um empréstimo da mãe incentivadora, editar sua primeira revista, em 1981, com a surpreendente tiragem de cinco mil exemplares. Foi o primeiro grande fracasso editorial de Celton e sua epopeia em quadrinhos. Pelos desenhos apresentados, foi trabalhar com arte finalista de muitas gráficas de Belo Horizonte. Como as revistas ficaram encalhadas, Lacarmélio lembrou-se do antigo tempo de ambulante e foi para as ruas vender sua arte primeira. As portas dos teatros, shows, bares, restaurantes foram tornaram-se seus points, lembrando que onde mais vendia era no restaurante Casa dos Contos, no bairro Funcionários, dos tempos de Tadeu e Neli Rosa.

As publicações continuavam, as dívidas aumentavam, até que o super-herói foi buscar a vida em outro cenário, a New York do Homem Aranha e de seus sonhos infantis, isso em 1992. Lá percebeu que os heróis viviam no universo da cidade, o cenário natural, o que mudaria os roteiros e os caminhos de Celton na Belo Horizonte que viu o super-herói nascer.

De volta a capital mineira, seis meses depois, ficou um tempo sem editar as histórias de Celton, até que em 1998 voltou com toda força ao super-herói que agora vivia a Belo Horizonte do dia a dia. Aí nasceram histórias com a capital como cenário principal. Celton começou a andar pelas ruas da cidade, pela Praça Sete, Maletta, Mineirão, rodoviária. Aí vieram as edições dedicadas ao universo belorizontino, com as histórias da Loira do Bonfim, do Capeta do Vilarinho, da Sogra Maldida, todas ambientadas na capital de todos os mineiros.

Nessa nova fase, as revistas deixaram de ser vendidas na noite e ganharam os sinais de trânsito. “Nos sinais obtive outra visibilidade, essas vendas me levaram para a TV, até que fui ao programa do Jô Soares. Aí tudo mudou, o Celton passou a ser um super-herói nacional”.



Maldito! Pelas fazendas em que pousei viagem afora, está correndo o boato de que ele veio com ordens expressas para lançar a derrama!

Se for mesmo, está aí a oportunidade para unir o povo numa guerra definitiva contra essa cambada de ladrões!



*Quadrinho que compõe a trilogia que será publicada em preto e branco, trazendo Tiradentes em destaque*

Profundo conhecedor do universo HQ e sua produção editorial, Lacarmélio vai enfileirando datas, personagens, autores e heróis em todos os tempos do quadrinho universal. Ao final, sem perceber, Lacarmélio, ou melhor, Celton, nos deixa claro que o grande herói nessa história toda é ele mesmo, um brasileiro que acredita, faz, edita, vende e vive da sua arte, do seu próprio sonho.

Um herói verdadeiro! Apaixonado por Tiradentes, Lacarmélio agora se aprofunda na história de um herói real, o mítico Tiradentes, e dedica uma trilogia especial para contar a sua visão, ou versão, de Tiradentes e da Inconfidência Mineira. “Essa vai ser a minha melhor publicação, a minha melhor história, a minha grande obra”, diz ele com convicção.

A trilogia traz novidades, com cenário em terceira dimensão, a primeira de sua lavra. Para isso, visitou Ouro Preto, localizou o local exato onde ficava a casa de Tiradentes que foi queimada, percorreu os corredores da Casa dos Contos, mapeou e fotografou com detalhes os cenários da Inconfidência relatados nos Autos da Devasa. “Estou fazendo uma pesquisa profunda, localizando os prédios que existiam na antiga Vila Rica para compor um cenário histórico, bem próximo ao da época. Passei dias trabalhando em uma página que trazia a igreja São Francisco de Paula, conhecida como Chico de Cima, ao fundo, até descobrir que no tempo da Inconfidência essa igreja ainda não existia. Sua construção começou em 1804. Pena, pois a página estava linda”, diz ele com os olhos fascinados pela história que está construindo.

Em sua pesquisa, que está se aprofundando nos personagens, se deparou com a figura de João Rodrigues de Macedo, que lhe chamou a atenção. “Há muitos quadrinhos dedicados ao João Rodrigues de Macedo, acho que ele teve uma participação mais ativa naquele tempo, mas que ficou um pouco encoberta”. “Existe também a parte da liberdade artística nessa minisserie, quando coloco Tiradentes discursando em plena Praça Tiradentes, a qual, logicamente, não tinha esse nome na época. Tiradentes estará no meio daquele cenário, com todo o casario a sua volta e seus detalhes barrocos, com o povo o ouvindo embevecido, está ficando muito bonito”.

Lacarmélio acredita que o ‘suicídio’ de Cláudio Manoel da Costa foi encomendado pelo governador das Minas Visconde de Barbacena e dedica uma passagem a ele, que fala com o assassino anônimo à porta do Solar do Macedo, hoje Casa dos Contos: “Acabou tudo, vamos embora, vamos embora”.

Em um país de poucas histórias, memórias e quase nenhum herói, ver a vida de Joaquim José da Silva Xavier ganhar as páginas dos quadrinhos, ir para as ruas, e chegar aos corações dos meninos do Brasil será um grande feito, uma marco. Uma verdadeira inconfidência cultural e ideológica, tendo ao centro aquele que se recusou a negar seus sonhos e suas ideias e por isso está sozinho, até hoje, no alto da Praça de Ouro Preto, mirando o infinito.

**\*jornalista e escritor**



# Histórias exemplares

Bruno Terra Dias\*

Fotografia: acervo SXC



Nenhuma história é única, pois toda história é plural. Dos homens da Grécia pré-socrática, que narraram mitos, aos que fundaram Roma, à insuspeita união que teve início na Ilíada e prosseguiu na Eneida para justificar ao mundo o direito divino e impositivo da cidade eterna a tudo conquistar; a ilhas que adornam o mar do norte, tantas vezes invadidas por germânicos povos, estabilizaram seu modo de ser após a vencedora campanha contra o último rei saxão em Hastings, ainda assim ao custo de séculos; dos tantos povos que pela Ibérica Península transitaram, para que ao século XII Portugal da Espanha se libertasse, às muitas nações que neste solo sulamericano viviam entre paleolítico e neolítico, uma relação de dominação se estabeleceu e a pele surrada dos vencidos deu à posteridade nova identidade.

A história de um povo, de uma nação, é contada por mártires e heróis, frequentemente com esquecimento de múltiplas culturas e civilizações antecedentes e escassa visão das contemporâneas. Os muitos fracassos, indispensáveis à construção de um sucesso, são contados em tom baixo, quase a evitar contágio do falante pela desonra dos submetidos; não se trata de covardia ou de sentimentos menos nobres, mas de tendência comum na busca de realizações, pois, afinal, glórias não se alcançam com narrativas ou orgulho de fracassos. Entretanto, a noção de fracasso não é uníssona, depende de circunstâncias coetâneas e do porvir, da capacidade de entendimento e da percepção política de um povo, do espírito fundante que indicou os rumos da cultura e da civilização.





Sócrates, acusado falsamente de perverter a juventude e de ateísmo, ou negação dos deuses de sua terras, Atenas, foi condenado à morte. Uma derrota, diriam alguns, a que se oferecia como possibilidade de sobrevivência apenas uma fuga desmoralizante, que foi planejada por Críton, estando todos os amigos munidos dos melhores sentimentos e intenções na preservação da vida do grande filósofo. Preferiu Sócrates, mesmo ante a absoluta injustiça e a utilização de um julgamento popular que visava finalidades impróprias à pólis, cumprir a lei (o que traduziríamos hoje por Direito) de sua cidade a enfraquecê-la pela prevalência de seus ídolos interesses pessoais. Teria sido Sócrates derrotado, ou derrotados foram seus detratores Ânito, Meleto e Lícon?

Giordano Bruno tem exemplar história de coerência com suas próprias ideias, que em boa parte seriam confirmadas posteriormente, não revelando temor maior que a verdade nos momentos em que confrontado com o Santo Ofício. Sustentou o que a razão determinava, quando acusado de heresia. Lutou por suas convicções em várias cidades e universidades, dispondo-se a debates e mesmo à expulsão da França. Foi mandado à fogueira em 1600, para vergonha dos que selaram seu destino terreno, mas seu nome permanece, há séculos, respeitado como poucos. Grandes vitórias têm custo elevado e efeitos duradouros.

O século XX foi pródigo em ditadores de existência trágica, que terminaram executados ou tirando a própria vida, seja quando o poder lhes faltou, seja quando a corrupção de seus regimes tornou insustentável a comum estratégia de culto ao próprio nome e imagem. Nenhuma injustiça sofreram, mas as piores perpetraram, foram postos a nu e não resistiram ao que viram no espelho; o que chamaram de

vitórias e propalaram ser seu galardão foram derrotas da civilização e a infâmia foi seu legado.

A história de Minas Gerais, desde antes da criação e instalação da Capitania, já registrava a Guerra dos Emboabas e a Revolta de Felipe dos Santos; logo depois testemunhou a Sedição de 1736, com Maria da Cruz à frente; chegou ao final do século XVIII com o degredo de muitos, o assassinato de Cláudio Manuel da Costa e a execução daquele que mil vidas daria, se as tivesse, foi enforcado como Joaquim José da Silva Xavier e imortalizado pela alcunha de Tiradentes; o traidor da Coroa foi o mártir da Independência e o herói da República. Entre todos esses e muitos outros que sofreram as mais agudas injustiças (alguns em datas próximas e influentes sobre nossa realidade), não houve recuos e seu padecimento transformou-se em histórias exemplares que moldaram o caráter dos mineiros.

Estará o Brasil, hoje, carente de homens e mulheres exemplares, cuja história sirva de inspiração transgeracional por sua abnegação, sacrifício da individualidade em prol de valores maiores? Histórias exemplares não ocorrem a mancheias, podem ser sufocadas no nascedouro, sofrer de incompreensão no tempo de vida dos protagonistas, porém nunca serão demais. Pessoas de biografias extraordinárias pontificam nos impasses, ofertam dinâmica onde há inércia, sempre são em número menor que o necessário, por isso o caminho da humanidade é lento e desigual, calcado sobre a injustiça que muitos não percebem praticar, como manada que segue líderes incertos.

Minas, oferta sua liderança bissexta para solução dos impasses da Nação!

**\*Juiz de Direito, membro do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, ex-presidente da AMAGIS**



# Lições de Affonso Penna

José Anchieta da Silva\*

Fotografia: acervo SXC



Mais uma vez instado a escrever sobre Affonso Augusto Moreira Penna, o primeiro presidente da república que Minas deu ao Brasil, garimpei, de seu legado, as lições que este estadista nos deixou.

Ainda criança, em Santa Bárbara do Mato Dentro, antes mesmo de estudar no legendário Colégio do Carança, o pequeno Affonso, impedindo mal-tratos aos escravos da mineração de seu pai não se conformava com o fato de as escravas grávidas trabalharem duro na mineração de ouro. Enfrentou a autoridade de seu pai e de seu capataz Benedito e disso resultou que as escravas grávidas, a partir do sexto mês de gravidez, não fariam outro trabalho que não fosse o cozinhar e o lavar roupa. Mais tarde, advogado, Affonso recusava as causas que envolvessem questões de escravos. Tinha fama de defensor dos negros,

inclusive a de ajuda-los na fuga. O major Ferreira ameaçou denunciá-lo junto à corte, no Rio de Janeiro, fato por ele revelado em correspondência a seu colega de faculdade Castro Alves. Affonso Penna foi um abolicionista precoce. Como ministro de estado assinaria a lei dos sexagenários.

Diplomado pela Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, em São Paulo, defendeu tese de doutoramento sobre Letra de Câmbio e, na sustentação de seus argumentos deixou escrito que 'O direito deve descer das regiões da pura abstração para atender às exigências da vida'.

Tendo servido à monarquia como ministro de vários gabinetes do segundo império, deixou claro o seu pensamento não permitindo que houvesse derramamento de sangue quando do enfrentamento entre monarquistas e republicanos. O sua posi-

ção ficou registrada no seu Manifesto dos Mineiros, cujo epílogo compreende uma lição de estadista, exatamente assim: Sabem todos que não aplaudi, e antes lamentei a revolução de 1889, que destruiu a Monarquia. Compreendi, porem, desde logo, que a Monarquia não poderia mais ser restaurada em condições de dar-nos: paz, ordem e encaminhar o País a seu engrandecimento. A paciência é virtude imprescindível às democracias, e a beleza destas está em que aí ninguém pode tudo, nem pode sempre. Peço a Deus que ilumine o espírito daqueles que combatem, fazendo-lhes ver que o sangue das crianças, das mulheres, dos velhos e de nossos irmãos, não fecunda – pelo contrário esteriliza o solo da pátria.

Affonso Penna, na presidência da república indicou Pedro Lessa, o 'Marchall' brasileiro, para ocupar vaga

de ministro no Supremo Tribunal Federal. Lessa, para declinar do convite, escreveu ao presidente e amigo, dizendo-lhe que a nomeação lhe importaria até algumas restrições materiais para viver no Rio de Janeiro com os exíguos vencimentos da magistratura. E Affonso lhe respondeu dizendo: A Constituição da República outorga ao Presidente o poder de nomear os ministros do Supremo Tribunal entre os brasileiros de notável saber jurídico e reputação ilibada. Lembrando-me do seu nome, escolhendo a sua pessoa, penso que cumpro o meu dever de Presidente para com a nação. Se Vossa Excelência, como brasileiro, quiser cumprir o seu, é problema que não está a meu alcance. Foi assim que o grande mineiro na presidência da república conduziu outro mineiro ilustre, do Serro Frio, para o cargo de ministro do Supremo Tribunal Federal.

Aproximando-se a campanha política de 1909 o presidente Affonso Penna que viria a falecer no exercício do cargo, demitiu o seu ministro da Guerra, Hermes da Fonseca e fiel aos princípios democráticos, disse-lhe que não se opunha a candidatos militares, mas não aceitava que se apoiasse na força armada para atingir a presidência.

Affonso Penna foi duas vezes o criador da primeira Faculdade de Direito em Minas Gerais (em Ouro Preto e em Belo Horizonte). Como advogado, após ter deixado o governo de Minas, defendeu os interesses do Estado de Minas e se recusou

receber os honorários pelo trabalho realizado. O governador Bias Fortes, sem autorização de Affonso mandou que lhe depositassem os proventos, algo em torno de cento e cinquenta contos de réis. Com este dinheiro Affonso Penna construiu a sede da Faculdade de Direito em Belo Horizonte. O edifício (histórico) já foi demolido. Mas daí nasceu a feliz expressão, identificação sagrada, não mais do prédio, mas do lugar, da Casa de ensino: Vetusta Casa de Affonso Penna.

Em emocionado discurso de sua neta, Maria Alice Penna de Azevedo, em 2009, quando da inauguração do mausoléu do presidente, em Santa Bárbara do Mato Dentro (sua terra-berço), revelou: gostaria, sobretudo, de lembrar aqui uma passagem que me foi revelada por sua filha, minha tia Gita, que se tornou freira da Ordem do Bom Pastor. Contava ela, que pouco antes da morte, seu pai Presidente teria dito à esposa, Maria Guilhermina: - "Mariquinhas, sinto-me culpado e peço desculpas à minha família, pois de tanto preocupar-me com as finanças do Brasil, descuidei-me das minhas próprias. Quero ver se em breve posso voltar à minha banca de advogado, a ver se as refaço". Não teve tempo de as refazer. Faleceria no dia 14 de junho de 1909.

Após o seu falecimento, em discurso no senado da república Rui Barbosa deixou assentado: Se o serviço público tem os seus mártires, nunca dessa experiência assistimos o mais singular exemplo.

O professor Alfredo Valladão, em conferência proferida no Instituto dos Advogados Brasileiros, no Rio de Janeiro (1947) disse de Affonso Penna: O amor à cultura, ao direito e à justiça, iluminado ainda pela fé e pelo patriotismo constituiu a nota dominante da vida gloriosa de Affonso Augusto Moreira Penna. Foi de paz, de liberdade, de democracia, de trabalho, de progresso e, sobretudo, de justiça, iluminada ainda pela fé, a obra que vinha realizando na presidência da república a presidência Affonso Penna.

Seu filho, Affonso Penna Junior, paraninfo da turma de bacharéis da escola duas vezes fundada por seu pai, em 1920, proferiu: Daquela a quem a bondade de seus pares tem conferido as honras de fundador desta Casa, daquele cujo nome sem mancha eu tenho a difícil honra de trazer sem deslustre, ouvi, muitas vezes, que mais tivera em vista, nesta fundação, a formação ética do jurista que a sua ilustração ou cultura técnica. O ensino do Direito em Minas Gerais, portanto, nasceu sob a égide de um valor maior: o da ética.

No seu leito de morte, pronunciou Affonso Penna como suas últimas palavras: Deus, Pátria, Liberdade, Família. Eis aí, a síntese da sua crença e de sua obra.

**\* Membro do Instituto dos Advogados de Minas Gerais. Do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais e da Academia Mineira de Letras Jurídicas**

# O GOVERNO DO ESTADO E A COPASA FAZEM AS ESCOLHAS CERTAS PARA MINAS GERAIS.



## Mais de R\$ 2 bilhões.

Esse é o valor investido, desde 2015, em obras e serviços essenciais para o desenvolvimento de Minas e dos mineiros.

Obras como a captação do Rio Paraopeba, que evitou um grave racionamento na Região Metropolitana de BH e garantiu o abastecimento de água para milhões de pessoas. Em Montes Claros, a obra do Rio Pacuí é o começo da solução para as históricas crises hídricas.

Lá em Divinópolis e em Nova Serrana, novos sistemas de abastecimento de água e de estações de tratamento de esgoto vão melhorar a qualidade de vida naquela região. Em Varginha, o primeiro aterro sanitário da Copasa já apresenta bons resultados.

É assim, também, em Patos de Minas, Curvelo, Congonhas, Três Marias e muitas outras cidades, com os sistemas de abastecimento de água e de esgotamento sanitário. E com a barragem de Mato Verde, no norte de Minas.

Isso tudo e muito mais, porque o Governo do Estado e a Copasa fazem as escolhas certas para transformar a vida das pessoas.

 [copasa.com.br](http://copasa.com.br)





# memoriacult.com

A sua revista de cultura agora na internet.  
Veja artigos veiculados nas edições impressas  
em atualizações constantes.

Curta nossa página

[facebook.com/MemoriaCult](https://facebook.com/MemoriaCult)



Mais informações: [memoriacult@gmail.com](mailto:memoriacult@gmail.com)